PORTUGAL
NA GRANDE
::: GUERRA :::

O 9 DE ABRIL DE 1918
: : : : : : : : E O : : : : : : : :
MARECHAL HINDEMBURGO

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186 — Rua Aurea — 188
1924

UNICIPAIS DE LISBOA
100)"1914/18"/

7184

PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

COMPOSTO E IMPRESSO
NO
CENTRO TIPOGRAFICO
COLONIAL
LARGO DA ABEGOARIA, 27
LISBOA

94(100)"1914/18"
ANT

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

4

PORTUGAL NA GRANDE ::: GUERRA :::

O 9 DE ABRIL DE 1918
: : : : : : : : E O : : : : : : : :
MARECHAL HINDEMBURGO

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

16559 / J38996

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186, RUA AUREA, 188
1924

94(100) "1914/18"

AOS CAMARADAS, OFICIAES DA GRANDE GUERRA,
QUE TÃO NOBREMENTE CUMPRIRAM O SEU DEVER.

AOS SARGENTOS QUE TÃO ELEVADAMENTE COMPREENDERAM E DESEMPENHARAM A SUA MISSÃO.

AOS CABOS E SOLDADOS QUE TÃO HEROICAMENTE SE BATERAM.

A TODOS AQUELES QUE EM FRANÇA, EM AFRICA E NO MAR SE SACRIFICARAM E HONRARAM A PATRIA.

DEDICA
O AUTOR

AUDACES FORTUNA JUVAT

É um velho proverbio que o decorrer dos tempos tem confirmado.

Com efeito a tentativa, coroada de tão feliz exito, feita junto do Marechal Hindemburgo, bem se pode classificar de golpe de audacia. Ha, porem, uma diferença entre a audacia que provocou a minha maneira de proceder e aquela a que faz referencia o velho proverbio. Emquanto que uma, a segunda, é a sem bases, filha muitas vezes da irreflexão e não representando mais do que um golpe feliz, a outra, a primeira, foi reflectida, e assente em bases firmes constituidas por sentimentos puros, pela eloquencia de factos palpaveis, pela conduta heroica, apenas deturpada por razões ocasionaes e momentaneas, e pela pureza de uma fé que une os profissionaes das armas, fé que não rebaixa, fé que nobilita e rehabilita, fé sem subterfugios. A minha audacia é filha legitima deste sacratissimo matrimonio — a Patria e o Dever — e irmã mais nova da Honra. Na verdade não precisa de certidão de edade para nela se descobrirem os traços da consanguinidade desta tetralogia: pequena de estatura, grande de envergadura, fremente de justiça, anciosa de verdade, tal como a nossa Patria tão amada, correndo todos os riscos para integralmente desempenhar a sua missão atravez de todas as vicissitudes, sempre na inflexivel pratica da religião do

Dever, batalhando pela Honra para o que não conheceu peias, não respeitou as chamadas conveniencias nem se aterrorizou com as distancias.

E, para que maior fôsse, para que não lhe faltasse o acompanhamento do atrevimento, ousei exprimir-me numa lingua que não é a minha. Aqui faço a minha penitencia pedindo me perdoem os crimes que contra ela tenha cometido. Se dela me servi, foi por se tratar de uma lingua universal e ter, portanto, maior facilidade e mais probabilidades de me fazer compreender. Era este o meu primeiro desejo, e consegui-o apezar de todas as faltas e esse facto faz resaltar, ainda mais, a intensidade da verdade que dimanava das minhas palavras.

Apezar da descrença na integridade dos mais sãos principios, que hoje nos assoberba, não se pode negar que a justiça de uma causa é motivo assaz forte para a sua vitória e, cêdo ou tarde, a verdade, em toda a sua nudez ou revestida do manto diáfano da fantasia, resalta, quer fortuita, quer provocada. A verdade sobre o 9 de abril de 1918 surgiu cobrindo de gloria os que tombaram, rehabilitando os que sobreviveram, juntando mais uma folha de louro á corôa que aureóla o simbolo da Patria. Provoquei essa verdade; não fiz mais do que apressar a sua aparição que teria logar num futuro mais ou menos proximo. Rasguei o véu que impedia de ver claro nos acontecimentos desse dia e por isso me sinto feliz, muito feliz mesmo. E, se algo lamento, é o não saber manejar condignamente o buril da palavra para cinzelar com a grandeza devida o grande monumento erecto nessa batalha, todo sangue, sacrificio, heroismo e gloria. Perdoem-me os mortos e relevem-me os vivos. E, se algumas vezes lamentei o não estar presente nesse dia, hoje sinto-me feliz por não me terem permitido o regressar a França quando o desejei, pois assim me encontro revestido de maior autoridade para falar sem que me acusem de fazer uma auto-glorificação. Outro, melhor do que eu, se desempenharia desta missão, mas nenhum, isso posso assegurar sem receio de confronto, o faria com mais carinho, com mais alvoroço e mais fé. Belas paginas de literatura se poderiam escrever sobre a carta do Marechal Hindemburgo. Admiraveis ramos se poderiam construir com as belas flores de rétorica cultivadas pelos mestres da nossa lingua, de entre as quaes sobresairia a branca flôr da pureza do sacrificio gostosamente

consumado. O meu «bouquet», com menos flôres, tão pequenino e tão simples, nem por isso dá menos brilho a essa flôr e, talvez que por essa simplicidade, a faça destacar ainda mais. É que o seu brilho é muito proprio; não o pede emprestado ás que a rodeiam, antes sobre elas esparge um pouco da sua luminosidade. Estrela de primeira grandeza, e não simples planeta, é um centro em torno do qual devem girar os nossos pensamentos, pelo que ela representa, pelo que ela significa.

Escrita por um velho soldado, a quem nenhum especial sentimento ofusca a clareza de espirito no julgamento emitido, grande chefe, a quem a situação de inimigo de ontem não deve impedir que se preste a mais sã e elementar justiça, o Marechal Hindemburgo foi o juiz mais competente para emitir uma opinião ponderada pois foi o chefe que venceu, foi o inimigo que lutou, e nenhum interesse tinha na causa. Que estas circunstancias concedam á sua carta a força necessaria para convencer aqueles que ainda hoje têm juizos reservados sobre o 9 de abril de 1918, de que os soldados que combateram nesse dia eram dignos descendentes dos velhos guerreiros de Portugal; para convencer aqueles que descreem da vitalidade da raça, de que nas veias deste Povo circula ainda, ardente e generoso, o sangue dos velhos conquistadores do mundo; para convencer, enfim, o mundo inteiro, de que Portugal não morreu, nem moribundo está, que Portugal é imortal, que Portugal só poderá desaparecer quando das veias de todos os seus filhos se soltar a ultima perola de sangue e, com ela, se extinguir o ultimo sôpro de vida e a ultima pulsação do seu grande coração e que, mesmo que um grande cataclismo determinasse esses factos, o seu nome glorioso pairaria acima de todas as paixões constituindo um simbolo.

Não julguem, porém, aqueles que lêrem estas palavras, que eu pertenço ao numero d'aqueles que perante as glorias do passado se prostram e nessa adoração permanecem aguardando que alguem, não sei bem quem, faça o milagre de deter a marcha do Paiz para o abismo. Eu sou d'aqueles que nessas glorias procuram forças e energias para lutarem; eu sou d'aqueles que no passado procuram o exemplo para a sua conduta; eu sou, enfim, d'aqueles que consideram a historia como uma conta-corrente em que as gerações modernas têm um grande saldo negativo que só uma vida de trabalho e luta pode amortizar a pouco e pouco. O 9 de abril de 1918 foi a amortização de uma grande parte dessa divida.

A Sua Excelencia o Senhor Coronel Eugenio Carlos Mardel Ferreira, dignissimo Presidente da Direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra:

Quando, em 20 de Fevereiro ultimo, respondi ao oficio n.º 175 da Direcção da Liga dos C. da G. G., dizia eu a V. Ex.ª, entre outras cousas, o seguinte:

«Das felicitações que V. Ex.ª me dirige em nome da Direcção da L. C. G. G. e dos combatentes da G. G., constituo-me fiel depositario e guarda-las-ei no meu coração até ao dia em que possa oferece-las áqueles que a elas teem direito — aos soldados da Grande Guerra, áqueles que, pelos seus feitos, escreveram as paginas de gloria de que óra me servi para me dirigir ao Marechal Hindemburgo.»

Venho hoje desempenhar-me da obrigação livre e expontaneamente tomada perante V. Ex.ª, cumprindo o grato dever de prestar uma bem sincera homenagem áqueles que foram os nossos anónimos companheiros da guerra, aqueles de quem já esquecemos os nomes e os numeros, mas de quem guardamos a mais dôce recor-

dação, de quem não esquecemos os traços fisionómicos e que ocuparão no nosso coração um logar só dado aos eleitos.

Não vou fazer literatura, porque não sei fazê-la; não empregarei frases rendilhadas, que não sei construir; direi simplesmente o que sinto; contarei, em resumo, a historia da carta de justiça do Marechal Hindemburgo e os motivos que me levaram a dirigir-me a este grande chefe militar.

Eu faço votos por que aqueles que me lêrem, o façam mais com o coração do que com o espirito, para que a critica seja menos acerba e os meus intuitos melhor compreendidos. Não me atrae a publicidade, de que sempre fugi, não por modestia mas sim por génio, mas anima-me o desejo de recordar aqueles que me proporcionaram os dias mais felizes da minha vida, porque nunca entre eles conheci a deslealde, a perfidia, a mentira, a vil e aleivosa calunia, mas sim a fé e a confiança, a dedicação sem limites e a coragem sem alardes, sem que a mais leve mancha maculasse a alvura da sua grandeza moral.

Eram homens nobres, honrados e valentes em toda a extensão e verdadeiro significado destas palavras. São dois anos da minha vida que jamais poderei esquecer. Na falta de estilo e grandeza literaria, porei nas minhas palavras todo o meu coração.

* * *

Fiz parte da missão de artilharia que em dezembro de 1916 partiu para França. Dissolvida esta, passei para a segunda bataria do grupo de obuzes, que depois passou a ser a 4.ª bataria do 2.º G. B. A. Dissolvido este, após o 9 de abril, pertenci à 3.ª bataria do 6.º G. B. A. e a esta bataria pertencia quando, em março de 1919, regressei definitivamente a Portugal.

Na missão, com poucos soldados lidei porque só havia os impedidos conôsco. Foi na 4.ª bataria do 2.º G. B. A. que conheci todo o grande valôr do nosso homem, durante os longos mezes que com eles estive na frente. É para esses, principalmente, que vae todo o meu pensamento. Com a 3.ª bataria do 6.º G. B. A. pouco me foi dado apreciar porque, por razões de muitos conhecidas, que não aponto aqui porque não estou fazendo a historia do 6.º G. B. A., este grupo não voltou á frente depois do 9 de abril.

Quando me entrego a estas recordações, vejo prepassar, como num «écrain», todos os episodios da nossa vida em comum, sob a ameaça constante da morte. Vejo aqueles nossos belos homens olharem-nos com uma fé enorme quando eramos bombardeados; lia-lhes nos olhos a confiança sem limites que em nós depositavam. Tenho a certeza de que nenhum fanatico sentirá uma crença mais

sincera e mais profunda ao prostrar-se deante dos seus idolos, do que a que eles experimentavam quando a nós se chegavam nos momentos de perigo, como se constituissemos uma protecção invulneravel. São olhares que jamais poderemos esquecer; são atitudes que jamais poderão apagar-se da nossa memoria.

Vejo-os, sempre alegres e bem dispostos, apezar do excessivo labor a que estavam sujeitos, encherem sacos de terra, transportarem carris, construir abrigos, sempre na melhor das disposições.

Vejo-os, na escuridão da noute, olharem anciosos na direcção da frente, quando ouviam a metralhadora crepitar nervosamente, esperando os sinaes de S. O' S., a que eles queriam responder com a maxima presteza, para assegurarem a protecção ao seu camarada infante pondo, nos olhos primeiro, nos actos depois, todo o ardor do seu sangue generoso e heroico que um coração sublime impulsionava.

Sinto nos ouvidos, como se estivessem sendo proferidas neste proprio momento, as palavras de admiravel orgulho com que repeliram a suspeita de que algum poderia fugir quando um dia chamei voluntarios para afrontar a morte. Nem um só deixou de responder a esse apêlo.

Recordo, cheio de admiração, o dia em que, simplesmente e sem que tal lhes parecesse fóra da lógica, se recusaram a deixar-se substituir por outros apezar de serem obrigados a fazer fogo com agua pelo joelho. Que estavam já molhados e que não havia necessidade de serem substituidos pelos que estavam no escalão, disseram eles, como se outra cousa se lhes afigurasse fóra do justo e natural. Nem sonharam o que havia de grande nestas suas simples palavras.

Com que ardôr tratavam do seu material, que não queriam vêr excedido por ninguem, como se fossem paes amantissimos tratando de filhos muito queridos. Era tal o cuidado que com ele tinham, que um general inglez, que visitou a minha bataria, declarou ter já visto muito material bem tratado, mas nunca nenhum como o que tinha na sua frente. E tudo isto muito naturalmente, e sem que fosse precisa uma palavra sequer para os provocar.

Quem poderá esquecer estes factos? Creio que ninguem.

Vejo-os, garbosos, no seu uniforme cinzento, passearem á retaguarda, impondo-se pela sua atitude e aprumo.

Vejo-os, enfim, belos no conjunto, admiraveis no detalhe e deles conservo a mais dôce recordação, mixto de ternura e admiração.

Foi n'eles que encontrei a força moral para escrever a minha carta; foram eles que, pela sua atitude, me impuzeram a tentativa feita. Com soldados destes, quem se não sentiria com força para enfrentar alguem, mesmo que esse alguem fôsse o mais famoso cabo de guerra adverso?!

Quem, com tão grande apoio, se não sentiria com coragem para enfrentar um adversario e dizer-lhe que fôra injusto e que precisava de rectificar a sua opinião?! Quem, tendo lidado com taes homens, se não sentiria revoltado perante palavras tão injustas, escritas com um cunho de sinceridade, sim, mas que, por isso mesmo e pela qualidade de quem as escreveu, constituiam um julgamento que passaria á Historia?! Muito sofreria o meu coração, amantissimo da minha Patria, ao lêr essas palavras mas, se não fosse a coragem moral insuflada pela grandeza épica de taes soldados, como teria eu ousado rebater tal afirmação?!

A guerra, como calamidade que é, tem o seu cortejo de lutos, miserias e desgraças, mas, como todos os cataclismos, tem o seu lado bom e de proveitosos ensinamentos. Quando se declarou, já então imperava entre nós uma descrença grande nas qualidades da raça; já os de mau agouro diziam que haviamos perdido a virilidade de outróra, as qualidades de bravura indómita que escreveu as mais belas paginas da nossa historia; já nos declaravam embrutecidos e abastardados. Como devem ter ficado desiludidos, e ainda bem, os que assim pensavam. Foram esses mesmos ***degenerados*** que constituiram o mais bravo nucleo de homens que passaram pelas trincheiras. Batemos o «récord» da resistencia fisica e moral; ultrapassámo-nos a nós proprios. Nem os valentes soldados alemães, porque inegavel é que o foram, nem a França sublime e heroica, nem os ponderados inglezes, nem nenhum paiz que fez a guerra, conseguiram o que obtivemos dos nossos homens. Não houve exercito nenhum que conseguisse dos seus soldados uma permanencia tão grande nas trincheiras como os nossos tiveram. Não houve soldado nenhum que se batesse em peores circunstancias do que o nosso. Longe da Patria, num clima absolutamente adverso, de frios rigorosos, num paiz em que, como eles diziam, até os cães ladravam diferentemente e os cavalos, ao contrario dos nossos, andavam quando se lhes dizia — aí —, sem saberem, forçoso é confessá-lo, porque se batiam, tendo apenas uma ligeira noção de que a Patria

estava em perigo; filhos de um paiz em que a actividade e mobilidade constituem as bases da combatividade; sem a fleugma do anglo-saxão, esses homens permaneceram mezes seguidos metidos na agua e na lama vivendo, por vezes, só pelo coração para a saudade pelos seus e dedicação pelos outros, e pelos olhos para vigiarem, entregues a um fatalismo bastante meridional, que é, finalmente, a unica cousa que se nos pode atribuir na indiferença perante a maré de paixões que vamos atravessando. Olhos de sonho quando, entregues a si proprios, pensavam na Patria distante e nos entes queridos que aqui haviam deixado, e que muitos não tornaram a vêr, eram olhos de fôgo no ardor do combate; os seus braços, caidos muitas vezes inertes pela apatia a que estavam sujeitos, eram massas de ferro destruindo o adversario, eram as verdadeiras alavancas que sustentam a nacionalidade; o seu coração, nascido para amar, tornava-se feroz, mas de uma ferocidade magnanima; ferozes, porque o seu desejo seria exterminar tudo; magnanimos, porque no fim da luta tratavam o adversario, ferido ou prisioneiro, com todo o carinho como se não tivessem acabado de lutar com ele.

De uma facilidade de apreensão que causou a admiração de quantos tiveram que os ensinar, estes homens eram simplesmente sublimes. Houve fraquezas, é facto, mas qual foi o exercito que não as teve?! Dedicados, até ao sacrificio, esses homens são dignos da admiração dos extranhos e da nossa veneração. Como eu lhes agradeço as belas lições que deles recebi e o bem que me fizeram ao meu coração por me terem provado, de uma maneira tão categorica e insofismavel, que a Patria atravessa apenas um periodo de letargia e não se encontra no extertor. Sim, porque uma Patria que tem tão belos filhos, não pode, de forma alguma, morrer. Estamos apenas estonteados por este desenrolar de um turbilhão de paixões, mas breve virá, assim o espero e desejo, o dia em que o nosso sistema nervoso se acalme e, então, marcharemos, tranquila e serenamente. sobre as estradas das vidas interna e internacional.

Pena é que alguns inconscientes tentem aproveitar estas raras qualidades do nosso homem, para o lançar na ingloria luta fratricida. A par do crime de lesa-Patria que taes convulsões representam, ha o abuzo de confiança porque se insinuam nesses homens para abuzarem da sua ingenuidade e do seu amôr à terra natal, para cuja salvação dizem trabalhar. Maior crime, ainda, cometem

aqueles que negam a existencia da Patria; crime revoltante de cinismo porque, a par dessa ideia, falam em solidariedade como se esta podesse existir sem aquela. Porque, que é afinal a Patria? É o ar que respiramos, o sol que nos ilumina, belo como nenhum outro, é a lingua que falamos e que não tem rival, é a aldeia em que nascemos, são os nossos paes, os nossos irmãos, as nossas espozas, os nossos filhos, os nossos amigos, os companheiros de trabalho, aqueles que nem sequer conhecemos e, até mesmo, os nossos inimigos. E, que cousa mais bela haverá que o sacrificio proprio para bem estar dos outros.

Que acção mais nobre poderemos conceber do que a isenção da propria individualidade, que sacrificamos pelo bem comum. Como eram grandes aqueles pequenos soldados, cobertos de lama e lutando contra o frio, comparados com esses pigmeus, moralmente, que se dizem os pioneiros da liberdade, egualdade e fraternidade. Dizem lutar pela liberdade, e pretendem impôr o jugo das suas ideias; apregoam egualdade, e o que pretendem é, apenas, inverter situações, cheios de criminosas ambições; falam de fraternidade, e fazem a apologia da luta fratricida. O maior castigo que lhes poderia ter sido infligido, foi exactamente a maneira nobre por que os soldados da grande guerra foram leaes, dedicados e heroicos. Que aproveite a lição a todos, para bem de todos. Raça de soldados e marinheiros, viveremos sempre soldados e marinheiros e, como tal, morreremos. Feita por soldados, glorificada por soldados e marinheiros, a nossa Patria ha-de marchar, sim, mas disciplinada e metodicamente, e não tumultuosamente, como alguns pretendem.

Alguns trechos, que passo a transcrever, da autoria de varios ilustres escritores da guerra, mostram bem que não sou exagerado na opinião formada acêrca desses homens.

Do livro «OS PORTUGUEZES NA FLANDRES» do senhor Coronel Fernando Freiria:

«.....Tres ou quatro dias depois de termos tomado conta do sector, uma das nossas sentinelas, de madrugada, comunicou ao alferes de infantaria n.º 4, Netto, ter-se-lhe afigurado que uma patrulha inimiga, sobre a qual atirou, se aproximara das nossas linhas não a tendo visto afastar-se.

Procurando esclarecer o caso, o nosso alferes, unicamente acom-

panhado pela sua ordenança, dirigiu-se para o ponto indicado e, sentindo ruido dentro dum dos nossos abrigos que sabia desocupado, parou, tomou a espingarda da ordenança e aguardou em silencio.

Poucos momentos depois uma cabeça boche espreita á saída do abrigo e, imediatamente alvejada pelo nosso intrepido camarada, é por ele intimada a render-se, obedecendo prontamente.

Era um oficial alemão, ostentando no peito a fita da Cruz de Guerra, a quem o alferes Netto, de longe perguntou se estava só, obtendo resposta afirmativa. No entanto, como imediato desmentido a esta afirmação, um assinalado ruido se fez ouvir mais além.

O nosso alferes, então, sem avançar e conservando sempre a sua arma apontada para a unica direcção em que os boches podiam aparecer, ordena á ordenança que vá á Companhia (a cêrca de 200 ou 300 metros) buscar reforços e conserva-se imperturbavel na mesma atitude.

Decorrem minutos que, certamente, para todos os participantes deste episodio, deveriam ter parecido interminaveis seculos... por fim aparece a ordenança já de regresso, mas vem só...

O valente e dedicado soldado, para não deixar o seu oficial muito tempo em tão angustiosa situação, resolvera-se a voltar para junto dele sem aguardar a reunião que na Companhia, apressadamente, se ficou fazendo, despertando as praças que, ao tempo, já se achavam repousando nos seus abrigos. Para prevenir qualquer eventualidade, porém, a sua previdencia levara-o a trazer consigo um cunhete de granadas de mão.

Que dois militares portuguezes tão dignos um do outro...

Entretanto, embora no conjunto a scena não mudasse, o alferes Netto conseguira precisar o ponto donde novos ruidos, de tempos a tempos, se continuavam produzindo e, assim, determina á ordenança, apenas chegada, que nessa direcção lance uma das granadas.

Executada, com a maior felicidade, uma tal ordem, logo surgem, umas após outras, mais sete cabeças, de outros tantos inimigos que, mais além, ocultos pelos travezes ou em outros abrigos se encontravam e que, para fugirem aos estilhaços das granadas, forçados foram a mostrar-se, abandonando os seus esconderijos.

Intimados a renderem-se, todos obedeceram e imediatamente se puzeram em marcha para a séde da Companhia portugueza, se-

guindo pela trincheira, em fila indiana, com o alferes Netto na testa e a sua ordenança na cauda.

A certa altura, o ultimo dos prisioneiros, sargento-ajudante Esch, admirado, talvez, de não sentir maior ruido de passos da escolta que, aliás, não via, voltou-se para a retaguarda, mas a ordenança portugueza, instintivamente, sobre ele desfecha a espingarda, deitando-o por terra.

Fossem quaes fossem as intenções do prisioneiro o facto é que, como consequencia do procedimento com ele havido, os restantes se acobardaram e o extraordinario cortejo chegou ao seu destino sem outro incidente».

.....

Do livro «GAMBUZIOS — SOLDADOS DA GRANDE GUERRA», dos capitães Quirino Monteiro e Mello Vieira:

«... *Um bravo* — Havia já uma boa meia hora que durava o bombardeamento e não se via geitos de acabar.

O fumo e o nevoeiro formavam uma cortina espessa que não permitia vêr dois palmos adeante do nariz.

Caem, como chovendo de um outro hemisfério em guerra, pedaços de ferro e de madeira que fendem craneos e estilhaçam corpos.

Na frente das tropas abrem-se covas, como valas negras que têm de encher-se de cadaveres.

Não ha tempo de pensar nem de acudir aos camaradas que tombam. A febre do combate torna os homens egoistas e indiferentes. Toda a sensibilidade se anula. Uma vida não vale nada; um corpo esfacelado é apenas um incidente; os gemidos não passam de sons que se juntam ao ruido infernal de tantos outros formado.

Toda a trincheira está em fogo. Espingardas e metralhadoras não têm descanso.

A cousa está séria.

Amigo boche despeja para cá projéteis de todos os calibres, e faz-se a diligencia para lhe pagar na mesma moeda.

Ha já bastantes baixas. Os feridos e os mortos são mais do que seria para desejar.

Consola-nos a ideia de que do lado oposto se passará outro tanto.

Cada qual procura cumprir o seu dever o melhor que pode, respondendo galhardamente ao ataque do inimigo.

Em alguns pontos da trincheira os estragos são grandes. Os exemplos de bravura e heroicidade são muitos».

*

* *

«Num dos salientes da linha está um posto do comando de sargento.

O inimigo parece ter-se encarniçado em o aniquilar. As balas são aos cardumes e de cá cada espingarda parece uma metralhadora. Ninguem desanima nem se preocupa com o perigo. Cada homem vale por dois ou trez, tal a serenidade com que combate, o sangue-frio de que dá mostras, o esforço que desenvolve.

Subito rebenta em cheio uma granada naquele ponto.

Quando se desfaz a nuvem de poeira e fumo que se seguiu ao estampido, um só homem continua serenamente de pé, a disparar a sua arma, como se junto dele não acabasse de passar uma rajada da morte.

O sargento e um soldado dormem o sôno eterno, caidos sobre as armas ainda fumegantes; outros estorcem-se, cobertos de sangue que sae em golfadas pelos rasgões da carne... e o sobrevivente, o unico que a metralha poupou e que as balas parecem respeitar, mantem-se firme, sereno, disparando a sua espingarda.

Apenas o seu olhar tem maior brilho e as suas feições estão mais contraídas, como se a perda dos camaradas lhe houvesse insuflado novas energias e se propuzesse vingal-os.

Assim se mantem, heroico, formidavel, até que o posto é reforçado.

Mas nem então descansa. Combate sempre, dispara sempre, até que o fogo alemão cessa e a luta termina.

Então limpa o suor á manga do capote, encosta a espingarda á trincheira, estende o punho cerrado para a banda de além e resmunga:

— Almas do diabo! Pensam que é tudo a mesma loiça!»

.....

«... *O Sentinela* — Espreitar, deitar a cabeça de fóra da trincheira, para vêr o que se passa depois da «Terra de Ninguem», nos

dominios do inimigo, embora isso se faça com todas as cautelas e resguardos, é uma cousa séria, uma ousadia que tem por vezes como resposta uma bala... ou muitas.

De cá para lá, de lá para cá, o perigo é o mesmo.

Para auxiliar esse serviço as sentinelas de parapeito — que são, por assim dizer, os olhos de toda a guarnição, em que todos confiam, de cuja vigilancia e zêlo depende a sorte de muitas vidas — têm o periscopio, um pequeno aparelho reflétor que reproduz o que se passa a distancia.

Mas o periscopio, se por um lado presta serviços, por outro aumenta o risco: marca um ponto onde o inimigo sabe de antemão que está ou talvez esteja alguem».

*

* *

«Em Fauquissart, aí pelos meados de setembro de 1917, guarnecia infantaria 15 o sub-sector direito, e preparava-se para ser rendida.

O vae-vem de tropas que por essa ocasião se produz, soldados que entram, soldados que saem, os movimentos á retaguarda, tudo isto, quando não escapa ao inimigo, é por ele aproveitado muita vez para os seus raids, bombardeamentos e outras operações.

Foi o que sucedeu naquele dia.

O sol já alto, o dia claro, oferecendo magnificas condições de visibilidade, deram ensejo a que do balão de Aubers, que nessa manhã subira, pudessem ser observados todos os nossos movimentos.

Assim, ninguem se surpreendeu quando sobre as trincheiras começaram a chover granadas e morteiros.

Entretanto, o serviço de rendição começado tinha que concluir-se e concluiu-se embora sob uma saraivada de ferro e fogo».

*

* *

«Rebentam em muitos sitios a um tempo projéteis dos mais variados calibres. É o verdadeiro fogo de «pilha-cão». Em alguns pontos as trincheiras abrem brecha, desabam, desmoronam-se.

Num saliente da linha, num posto de metralhadoras, um soldado vela, toda a vida concentrada no olhar em fogo.

Sabe porque está ali e para quê.

O perigo não o preocupa. Sente-se orgulhoso da sua pessoa. As balas passam-lhe em volta e nem dá por elas.

Vê, espreita sempre. Desvenda, sonda quanto lhe fica em frente.

Aqui e além uma ou outra flôr desabrocha e põe uma nota alegre nesse campo de tristeza. Mais adeante está a trincheira inimiga. O sol faz brilhar qualquer cousa a um extremo. É o camarada Fritz, vigilante como ele, espreitando, alérta.

E, enquanto se entrega á sua tarefa, vae monologando.

Um morteiro passa-lhe perto, a silvar.

— Foi muito á direita — diz.

— Agora muito á esquerda.

De repente sente-se visado. Os projéteis aproximam-se, chovem-lhe em torno.

— Não ha duvida. Já me viram! Amigo boche quer festa! Éna, pae! Esta ia arrombando o telhado!

Agora já quasi não lhe chegam os olhos para vêr.

— Lá vem outra! Estupidos!

Cái um projétil á frente, logo outros atraz; mais um á direita, ainda outro á esquerda.

— Ah! raios! Querem-me engaiolar!

Um lanço de trincheira, mesmo ao lado, vae-se abaixo...

Mal refeito do sobresalto, outro morteiro rebenta-lhe na frente. O periscopio voa-lhe e sente que lhe desabam em cima não sabe quantos sacos de terra!

Barafusta, desenvencilha-se, ergue-se.

Um sargento chega esbaforido e inquire.

— Não foi nada, meu sargento... Já passou...

— Mas o perigo é grande... Porque não mudaste de logar?

— Mandaram-me para aqui...

— Mas...

— Eu fico enquanto não tiver ordem de retirar... Olhe, meu sargento, faça favor de mandar outro periscopio... Não vão eles dizer que a gente não tem mais...

.....

.....

«...*A mascara dos gazes* — Oficiaes e soldados, todos os que, em obediencia ás contingencias da luta, se encontravam por esse tempo em Vieille-Chapelle, conheciam a pequenita.

Vestidinha de preto, o olhar meigo e muito vivo, andava por entre a gente de combate confiadamente, com a infantil segurança de quem não teme o mal por não o conhecer. E todos a amimavam e lhe sorriam.

Sempre que havia movimento de tropas, no vae-vem frequente de homens que iam ou voltavam das linhas, ela ia colocar-se á beira do caminho, as mãositas atraz das costas, o olhar brilhante e fixo no rosto dos soldados, como se procurasse entre eles descobrir algum que particularmente lhe interessasse, ao qual, por um motivo poderoso, tivesse interesse em encontrar».

*

* *

«Ouve-se ao longe o ruido do combate; por vezes cortam o espaço, assobiando, granadas que vão rebentar com estrépito algumas jardas adeante, e a pequenita, sem se assustar, não desfita os olhos dos rostos dos soldados que passam, negros do fumo da metralha, o fardamento despedaçado e sujo da lama das trincheiras, mas serenos, e até, por vezes, alegres, recordando, num cantar a meia voz, o lar distante, as veigas da sua aldeia, os entes queridos de que os separára a tirania da guerra.

Que procura ela?

Procura um homem cujos traços os seus olhos, num breve momento, haviam para sempre fotografado, e ao qual queria, porventura, num beijo, num sorriso, pagar uma divida de eterna gratidão».

*

* *

«O caso fôra o seguinte:

Certo dia os boches haviam visado a povoação onde residiam os paes da pequenita.

Por essa epoca — Março de 1918 — os bombardeamentos eram particularmente intensos.

Á hora a que, nesse dia, começaram caindo as granadas — as de metralha emparceirando com as de gáses — a gente da povoação estava nos campos trabalhando.

Estabelecido o alarme, os poucos habitantes que as ocupações caseiras retinham nas «fermes», mulheres e creanças na sua maioria, fugiram espavoridos, procurando a salvação em pontos que julgavam inacessiveis ao terrivel adversario.

Ela, a pequenita, fugira tambem e, transida de mêdo, achou-se isolada, sem saber para onde dirigir os passos apavorados, no meio de um campo onde, a curtos intervalos, as granadas, detonando, espalhavam pelo ar as ondas venenosas.

Pobre creança! Que morte horrorosa a espera!

Aqui, além, a terra ferida, atira ao ar, como um protesto doloroso, nuvens de poeira, que se manteem por momentos suspensas, de envolta com outras que rastejam, avançam, a principio enoveladas, a seguir transformadas em cortina, impelidas pelo vento de antemão calculado, onda sinistra dum oceano de maldade que trasborda e alaga e subverte, insaciavel de vitimas. São os gazes!

O bombardeamento intensifica-se. O perigo é cada vez maior.

Os soldados, de mascaras afiveladas, não se acobardam.

Mas a pequenita? Como ha-de a inocente furtar-se aos horrores que a espreitam?

Subito um homem, um simples soldado, surge, corre para a creança e, rapido como um relampago, pondo em pratica num segundo o plano de abnegação e sacrificio, tambem num segundo concebido, desafivela a sua mascara protectora, ajusta-a cuidadosamente ao rostosinho da creança, resguarda a bôca e o nariz com o lenço, toscamente ageitado, foge com o pequenino fardo nos braços até colocal-o em logar seguro e logo desaparece, chamado a outro ponto pelo cumprimento do dever».

*

* *

«Era este homem que a pequenita procurava reconhecer, entre a turba que passava, negra de fumo da metralha, o fardamento despedaçado, na ida ou na volta das trincheiras.

Não poude nunca descobril-o.

Nem chegou sequer a averiguar-se se esse obscuro heroe ficou prisioneiro ou dorme o sono eterno, como tantos outros desconhecidos heroes, seus companheiros, nos improvisados cemiterios das terras de França!

Talvez até — consoladora dúvida — esteja vivo e julgasse que nem merecia a pena denunciar-se para receber a recompensa que outros, com menos direito, receberam.

.....

.....»

Do livro «AO PARAPEITO» do tenente Pina de Moraes:

«...E os metralhadores esperam.

As horas passam no nevoeiro, na chama, no troar gigante da batalha — e a guarnição diminue.

Têm por fim uma alegria: ouve-se distintamente o glugluglu da metralhadora boche:

Eles conhecem este som mate, cheios de o ouvirem todos os dias, todas as noutes, todas as horas, ha mais dum ano!

Se ouvem as metralhadoras — é porque o alemão chegou.

E apertando o ouvido, o apontador sorri-se, decerto a lembrar-se da brincadeira das linhas em noutes serenas. Como era metralhador habil e calhado, sabia compassar a tiro a «caninha verde» na sua metralhadora como num piano. Tambem havia inglezes que davam o compasso do Cake-Walk. E de lá os boches tambem tinham o seu fandango! Bons tempos!

O metralhador lembra-se decerto desta especie de cortesia nas noutes tranquilas — porque diz ao vizinho unico que lhe resta:

— Agora vamos nós cantar!

E os dois entram a montar a metralhadora. Escondem a manga escura e longa do cano, dispõem os tambores e juntam em monte os cartuchos dos cunhetes.

O apontador com a face encostada á fecharia lança a sua vista de lince sobre a estrada de La Bassée.

Quando uma granada rebenta perto, jogando-lhe terra sobre os aços da sua metralhadora, ele inclina-se a soprar esta terra como a gente faz á areia de secar sobre uma folha escrita, e escóva mais passando ainda a manga do jaleco...

Quando o meio dia passava já, depois de tanta hora! — começa

o metralhador a distinguir uma sombra cinzenta que vem avolumando-se.

Por fim vê-se bem uma companhia alemã marchando de costado por quatro, como num dia de manobra.

O apontador tem uma alegria infinita, diz seja o que fôr para os seus camaradas mortos e prime sob os polegares os botões serrilhados...

Uma rajada d'aço partiu, cortando como um gume, as balas tecidas, unidas e seguidas como a missanga dum bordado gentio... e a companhia alemã tombou como se a estrada se abrisse.

O metralhador, louco de alegria, o sangue-frio perdido, gritando imprecações ao boche, mete sucessivamente os seus tambores, e a metralhadora borda desenhos de morte, as balas bastas como missanga.

E agora é a sua vez de esperar, ele, o inimigo!

A infantaria alemã abre em atiradores.

O tempo passa e os tambores da metralhadora rolam as suas caneluras cheias de cartuchos.

O metralhador — o capacete na nuca, os olhos de lince, a mão lesta — vareja toda a estrada, procurando com as pontarias, desenhando á bala como se desenha com um lapis.

As munições fundem, os tambores começam a parar na metralhadora escaldada e fumegante.

A linha alemã avança rápida.

O metralhador não tem mais cartuchos nem mais camaradas.

Está só, a mademoiselle d'aço muda entre a terra, os tambores sem cartuchos nas caneluras!

Passa a mão a sacudir o suor que goteja sempre da fronte. Da retaguarda os incendios põem baforadas de calôr na frieza do nevoeiro.

E o apontador não vê, nem ouve o oficial alemão que lhe diz cada vez mais forte, indicando com o braço, o caminho d'Alemanha.

— Nach Aubers! Nach Aubers! — compri!

.....»

A par destes, os seguintes factos ainda inéditos:

No dia 9 de abril a minha bataria ocupava 3 posições: n'uma, á direita, estava um obuz, no centro estavam dois, e á esquerda o

quarto. Comandava a divisão do centro o alferes miliciano, Carlos Olavo Correia de Azevedo. Fez fogo até que as munições acabaram, esperando, entretanto, a chegada do remuniciamento, que jamais foi possivel fazer. Encontrando-se sem munições, começa conversando com os seus homens e diz: já não ha munições; espero o remuniciamento ha muito tempo, que pode chegar de um momento para o outro, por isso fico na posição aguardando ordens...

— E nós ficamos todos com o nosso alferes, foi o que disseram imediatamente todos os homens, sem esperarem o final da frase.

E ficaram, e lá foram todos com o seu brioso chefe para o cativeiro, quando lhes teria sido tão facil escapulirem-se pois a meia duzia de passos já não poderiam ser vistos em virtude do nevoeiro, e o seu chefe directo, por mais brioso e valente que fôsse, e era-o não por exibicionismo mas por caráter, não poderia impedil-os.

O que o Carlos Olavo deve ter sentido nesse momento, nem eu sei explical-o. Eu tenho a certeza de que um desejo enorme de abraçar esses homens se apoderou dele e, só a noção das conveniencias o deteve nesse gesto.

Coração generoso e caráter nobre, como os seus, devem ter-lhe feito vir as lagrimas aos olhos e, se as reteve, foi para evitar qualquer manifestação que enfraquecesse o animo daqueles belos soldados.

Como homem e como oficial, deve ter-se sentido grandemente recompensado dos trabalhos que voluntariamente procurara na guerra e na frente.

Arrastado aos campos de batalha pelas pugnas politicas, servidas por uma fé ardente nos destinos da Patria, Carlos Olavo teve uma felicidade que muitos invejarão e que nem a todos foi dado gozar.

Quando eu pertencia ao 6.º G. B. A., e que este Grupo estava à retaguarda a reorganizar-se, estive em diligencia no Q. G. da 2.ª Divisão como oficial de ligação da artilharia. Uma das minhas missões era visitar toda a artilharia portugueza que estava na frente. Por ocasião da ofensiva sobre Cambrai, em 1918, as batarias pezadas que se encontravam no sector de Arras avançaram indo uma delas ocupar uma posição no bosque de Bonche. Fui visita-la de automovel, como não podia deixar de ser, por ficar muito longe.

Depois de percorrer a estrada Arras-Cambrai, deixando à minha esquerda Monchy-le-Preux, tomada dias antes, atravessei Vis-en-Artois e cortei para a direita seguindo a estrada de Cherisy, passando junto a um bosque. Como as covas fossem muitas, tornando-se impossivel avançar, não querendo deixar o automovel sosinho, porque poderia desaparecer, nem deixar com ele o chauffeur visto que o bosque estava a ser batido, resolvi retroceder para Arras. Ao chegar proximo da estrada de Arras-Cambrai, vendo que esta, completamente a descoberto, estava sendo batida, decidi esperar, a coberto do bosque, que o bombardeamento acabasse. Como estivesse junto de nós uma bataria pezada ingleza fazendo fogo, um camarada que me acompanhava insistiu comigo para avançarmos porque, confessou-me depois, receava uma represalia por meio de gazes, cousa que mais o horrorisava. Em face da sua insistencia, determinei ao chauffeur que avançasse recomendando-lhe que andasse depressa e afivelasse bem o capacete. Mas, qual não foi o meu espanto quando o vejo tira-lo e pôr o bonet. Perguntado sobre a razão d'isso, respondeu-me, muito naturalmente, que o capacete lhe dançava na cabeça, o que não lhe permitia conduzir o automovel com a necessaria serenidade.

Uma vez na estrada, começámos a ser perseguidos pelos shrapnells, e assim percorremos trez ou quatro quilometros, a subir. Ainda hoje só posso atribuir a nossa salvação ao facto de o tiro ser observado de um balão e vir de lado pois que os rebentamentos se davam perfeitamente por cima. Subito, uma granada rebenta no meio da estrada, na frente, tão perto de nós que apenas podémos vêr o leque formado sem termos visto bater no chão, e o carro afrouxou o andamento. Perguntei ao chauffeur o que tinha acontecido, julgando que o carro fôra atingido, e ele respondeu-me que afrouxara o andamento para evitar alguma cova feita pela granada porque, se partisse alguma mola, teria que a pagar.

Eu não me lembro do que lhe disse, mas tenho a impressão de que o mandei ao diabo juntamente com os seus cuidados, mas, depois, não deixei de o admirar e achar graça.

Mais acima rebentaram mais duas granadas em cima de um deposito de munições que, por sorte não explodiram, senão... não escreveria estas tão mal alinhavadas linhas.

Os factos que acabo de transcrever e os que venho de narrar apresentam o nosso soldado sob varios aspétos, qual deles o mais admiravel. Mais, muito mais se poderia dizer mas, para isso seria necessario gastar muita resma de papel. Se todos aqueles que lidaram intimamente com soldados, nas linhas, narrassem os factos presenceados, seria um nunca acabar.

Foi nas excécionaes qualidades dos nossos homens, patenteadas em França que eu encontrei a força moral para escrever a minha carta.

*

* *

Quando era creança, a primeira cousa que eu fazia ao darem-me um livro, era procurar os bonecos. Creio que esta acção é instintiva em todos nós nessas edades.

Hoje, quando leio um livro da guerra é, tambem quasi que instintivamente, que procuro, no indice, a altura em que a narração de qualquer facto pode implicar referencias á acção das nossas tropas durante a guerra e ao papel desempenhado pelo nosso Paiz no grande conflito.

Em fins de outubro, ou principios de novembro do ano de 1923, chegaram-me ás mãos dois livros de memorias da autoria dos dois maiores chefes militares alemães. Um era MEMORIAS DA GUERRA do general Erich Ludendorff, 1.º Quartel-mestre general dos exercitos alemães; o outro era A MINHA VIDA do Marechal Von Hindemburg, Chefe do Estado-Maior dos exercitos alemães.

O primeiro dizia:

«...O comando supremo abandonou, pois, egualmente o ataque pelo flanco esquerdo do 6.º exercito. Em vista d'isso decidiu executar um golpe de mão na planicie do Lys, entre Armentières e La Bassée: era a principal operação que em tempos havia sido proposta

pelo grupo de exercitos do Kronprinz Rupprecht. O tempo tinha estado sêco e os inglezes tinham-se enfraquecido extraordinariamente tanto na planicie do Lys, como deante de Ypres.

O ataque foi preparado de uma maneira muito meticulosa, pelo 6.º exercito. O general Von Quast e o seu chefe do estado-maior, tenente-coronel Leuz, mostravam uma atividade infatigavel e tinham previsto tudo pouco mais ou menos como para o ataque de 21 de março. Apezar do reduzido numero de trabalhadores, a preparação estava tão avançada que foi possivel propôr a sua execução para o dia 9 de abril. Senti-me feliz. Quanto mais cêdo se realizasse o ataque, tantas mais probabilidades havia de surpreender os portuguezes da planicie do Lys.....

.....

Não havia nestas palavras qualquer afirmação que nos desprestigiasse. O general Ludendorff declara que o sector estava muito enfraquecido e procura surpreender-nos. Quanto á primeira, nada ha de mais verdadeiro; apenas poderiamos fazer uma questão de frases. Assim, o general Ludendorff diz que os inglezes se haviam enfraquecido muitissimo na planicie do Lys; quanto a nós, que nos poderemos considerar incluidos nesta referencia, visto estarmos intercalados nestas forças, poderia dizer-se: e os portuguezes, intercalados no meio deles, enfraqueciam dia a dia, esgotados por uma exagerada permanencia nas trincheiras e sem receberem reforços.

Quanto á segunda, ha uma pequena rétificação que, aliás, não tem umà importancia de maior, visto não nos atingir na honra ou qualidades militares. Para nós não houve surpreza e, a te-la havido, isso apenas seria resultado de falta de observação ou deficiencia de informações. Estas duas circunstancias não brigam com o brio militar.

Tendo sido empregados poucos trabalhadores, não seria para admirar que os trabalhos não tivessem sido notados; a falta de informações poderia ser atribuida á falta de prisioneiros, informações que, aliás, mereciam um crédito muito relativo. Mas, nem isso se deu. E, senão, transcrevamos algumas passagens dos livros publicados ácerca do 9 de abril.

Assim o senhor General Gomes da Costa, no seu livro A BATALHA DO LYZ diz:

«... A partir da 2.ª quinzena de janeiro, a actividade do inimigo aumentára, quer em raids, quer em patrulhas de combate, com o fim evidente de apalpar a nossa linha, para lhe reconhecer os pontos fracos; a partir de 19 de janeiro, a sua actividade de artilharia aumentou, concentrando-se entre 24 e meados de fevereiro no trabalho de contra-batarias, e voltando, depois, a cobrir todo o sector.

Os dois prisioneiros feitos pelas nossas patrulhas a 18 de fevereiro, e pertencentes ao 269.º regimento da divisão 81 de reserva, informaram terem dias antes chegado ao seu sector trinta novas batarias que tinham regulado o tiro em 16 e 17.

Ao Comando britanico pareceu que esta actividade tinha por fim unico fixar-nos ao terreno, impedindo-nos de deslocar forças para outro ponto da frente de batalha, e é possivel que assim fôsse, e ainda que os alemães pretendessem obter uma solução decisiva, ou pelo menos posições que lhes permitissem prolongar a sua estada na França durante o inverno.

Dois desertores do 269.º R. I. R., feitos a 1 de março, informaram-nos de que brevemente se realizaria um ataque, com o fim de melhorarem de posições.

Durante o mez de março, a nossa artilharia desenvolveu grande actividade, e a nossa infantaria executou bastantes raids com o fim de obter identificações e manter o espirito ofensivo.

Por seu lado os alemães recrudesciam de actividade. Afóra os bombardeamentos diarios, normaes, executam varias operações.

A 2 de março, após uma violenta preparação de artilharia e morteiros, ataca o sector de Chapigny; na manhã de 7, atacam o posto Landsdone e na noite de 9/10 a direita de Ferme du Bois; na manhã de 12 atacaram a direita de Fauquissart e esquerda de Chapigny e na noite de 13/14 varios postos da nossa 1.ª linha.

Em 14, em pleno dia, às 14 horas, atacam Ferme du Bois e em 19 penetram no sector de Chapigny.

Na noite de 20/21 atacam o posto de Pionner, na de 24 o de Mole e em 25 o sector de Ferme du Bois.

Todos estes ataques foram repelidos pelas tropas da minha di-

visão, conseguindo apenas o inimigo penetrar no sector de Chapigny, à minha esquerda.

Estes sucessivos ataques enraizaram-me a opinião de que o inimigo preparava qualquer ofensiva importante nos nossos sectores, tratando de apalpar a nossa frente para conhecer os pontos fracos suscétiveis de mais facil penetração e seu gráu de resistencia, e calcular os efectivos necessarios para um ataque a fundo.

E que a impressão que as nossas tropas deixaram no Comando alemão foi notavel, demostra-o o facto de no ataque de 9 de abril empregarem contra a minha unica divisão — oito divisões!

Dia a dia, a massa de artilharia inimiga na nossa frente ia aumentando, tendo ele deslocado para ali grande numero de baterias do Somme, bem como morteiros e unidades de infantaria; na primeira quinzena de março eram descobertas 60 novas posições de artilharia, e na segunda quinzena — oitenta, e tão grande e anormal era o numero de posições, que chegámos a supôr que o inimigo deslocava frequentemente as suas batarias, para nos iludir sobre a localização de posições e seu numero o que de facto algumas vezes sucedeu tendo os deslocamentos por fim iludir-nos quanto às regulações do tiro.

Nos meados de março, o inimigo bombardeava La Gorgue, então Quartel General da 2.ª Divisão, e referenciava os Comandos de brigada e de batalhão, estradas que se dirigiam para os arredores de Lestrem, Merville, Nouveau Monde e St. Venant.

As nossas patrulhas e postos de observação mencionavam desusado movimento à retaguarda das linhas inimigas, de vagonetas carros, e, por fim, aberturas na rêde de arame farpado.

Prisioneiros feitos pelas nossas patrulhas referiam a chegada de novas divisões de infantaria, — dezoito, dizia um deles, — e a evacuação da população civil de Vauvrin, Lille e outras povoações para leste do canal de Haute-Deule.

O sumario de informações do 1.º exercito começa a dar noticias dos preparativos inimigos, a 19 de março, data a partir da qual o movimento se acentua.

A transferencia do 3.º Corpo alemão, para o norte do Scarpa, e o desusado movimento de comboios para o sul, levou o Comando britanico a supôr que o objectivo alemão seria Vimy e a região mineira adjacente.

Na ultima quinzena de março, diminuiu a actividade da artilha-

ria inimiga, aumentando, contudo, a de transportes, na zona da retaguarda, particularmente na estrada de Aubers, na estação de Furnes, na retaguarda de Le Mesnil e ao sul de Aubers; ao mesmo tempo chegavam noticias de grande deslocamento de tropas ao sul de Lens, e concentrações na zona de Lille.

A partir de 4 de abril, os nossos postos de observação mencionavam maior aumento de movimentos na zona da retaguarda, sobretudo nas estradas de Lorgie e La Bassée, e a ocupação de Mitzi Trench.

Estavamos, pois, sériamente preocupados com todos estes movimentos anormaes, e procuravamos achar-lhe significado, fazendo para isso executar raids e multiplicando o numero de patrulhas de combate, quando recebemos o notavel documento, — a nota de 24 de fevereiro do Quartel General do Corpo Portuguez, — que começava assim:

«Não sendo provavel um ataque em larga escala na nossa frente, antes do mez de maio.....»

Foi um alivio! Respirámos todos fundo. E rimos para nós, do pouco valôr dos indicios e informações que tinhamos obtido por intermedio das nossas patrulhas e postos de observação! Se o alto comando portuguez, duma forma precisa, concreta, terminante, concludente, avançava não ser provavel um ataque à nossa frente antes de trez mezes decorridos, é porque esse comando, com os meios superiores de informação que possuia, sabia absolutamente que os alemães não nos atacariam antes do mez de maio.

Prudentemente, no entanto, a nota do comando acrescentava, «que era preciso, contudo, estar preparado contra qualquer ataque do inimigo, embora de objectivo limitado» o que sem duvida significava que, por o alto comando nos descansar com respeito a probabilidades dum ataque a fundo, não fossemos todos adormecer, deixando aos alemães a liberdade de executar alguns raids com sucesso.

.....»

«E ao passo que o Comando do corpo insistia em que não era possivel um ataque antes de maio, as minhas informações diziam, pelo contrario, que a 81.ª divisão alemã ia ser rendida pela 5.ª, destinada especialmente a um ataque entre Givenchy e Neuve-Chapelle,

e que o numero de divisões do exercito de Von Quast, na nossa frente, aumentara a dez em primeira linha e seis em reserva.....»

Por seu lado o senhor Coronel Mardel Ferreira, no seu livro «A BRIGADA DO MINHO NA FLANDRES» (o 9 de abril de 1918), diz:

«NOTA J

RELATORIO DE OPERAÇÕES E INFORMAÇÕES N.º 133 DA 4.ª B. I. DE 4 DE ABRIL DE 1918

1.ª parte — Operações:

Informam as patrulhas:

Durante a noute foi notado grande movimento de viaturas e «camions» à retaguarda das linhas inimigas, parecendo que se dirigiam para Aubers na estrada que passa por N. 22. a-M. 21. b. e c.

RELATORIO N.º 154 DE 5 DE ABRIL

1.ª parte — Operações:

Informam as patrulhas:

Que durante a noute se continuou a ouvir movimento de viaturas à retaguarda das linhas inimigas, parecendo tambem ter passado um comboio.

RELATORIO N.º 155 DE 6 DE ABRIL

1.ª parte — Operações:

Patrulhas informam:

Durante a noute continuou a pressentir-se como nas noutes anteriores, algum movimento de viaturas à retaguarda das linhas inimigas.

2.ª parte — Informações:

g) — Informações varias:

Ás 15 h. 30 m. voou sobre as nossas linhas a muito pouca altura um aeroplano inimigo, que fez tiros de metralhadora sobre a primeira linha.

Ás 18 h. 50 m. voltou a passar, vindo da brigada à nossa direita e chegando até à brigada à nossa esquerda, voltando a passar pelas nossas linhas. Foi-lhe feito fogo de metralhadoras e espingardas.

Das 18 h. 30 m. às 19 h. 20 m. foi notado grande movimento de homens armados nas estradas N. 14 d N. 20 b e d e N. 21 c.

RELATORIO N.º 156 DE 7 DE ABRIL

2,ª parte — Informações:

g) Informações varias:

O movimento notado ontem pelo sub-sector 1, deu-se no Fauquissart Road em direcção a Aubers — e foram vistos grupos de 20 homens armados e equipados. Foi mesmo visto o inimigo na Distillery desdobrar uma carta, escrever qualquer cousa e olhar atentamente a nossa frente.

Além do movimento de viaturas em direcção a Aubers, foram vistas duas vagonetas no Fauquissart Road completamente carregadas.

RELATORIO N.º 157 DE 8 DE ABRIL

1.ª parte — Operações:

Informam as patrulhas:

Ter continuado a ouvir-se grande movimento de viaturas à retaguarda das linhas inimigas.

2.ª parte — Informações:

g) Informações varias:

Ao escurecer notou-se grande movimento de homens equipados em N. 26 d alguns transportando caixotes em direcção à linha B. Subiram dois balões na nossa frente.

.....»

Os dois livros de que acabo de transcrever estas passagens são dos mais completos que conheço e têm o valor de serem a reprodução de documentos oficiaes ou resultado da conjugação deles, e não o produto de uma imaginação mais ou menos poetica ou romantica.

São factos e não apenas presunções.

Na parte transcrita do livro do Senhor General Gomes da Costa poderá, talvez, parecer que o Comando do C. E. P. foi iludido pelos meios directos de observação que possuia. Para que essa ideia não subsista, eu devo explicar que as informações transmitidas por este comando, eram as recebidas dos altos comandos inglezes, pois só estes possuiam os meios de informação, taes como — aviação, espionagem, etc. Nós, C. E. P., apenas possuiamos os observadores das unidades nas linhas e, como se vê das duas transcrições, apezar de serem deficientes esses meios, estavamos, por esse lado, muito bem informados.

Por isso eu disse, e repito, que não fomos surpreendidos e a surpreza foi dos altos comandos inglezes.

Ha alguma cousa de desprimoroso nessa surpreza? Não. Todos nós conhecemos quaes os meios por que se obtinham essas informações. De parte a parte se sabia que havia uma espionagem activa e, natural era que se fizesse muita cousa só com o proposito de mascarar intenções.

O pequeno numero de trabalhadores empregado, segundo declara o General Ludendorff, podia, por conseguinte, e justifica-o plenamente, originar o erro cometido, porque, o que a espionagem não conseguia, era penetrar no espirito de quem dirigia as operações.

Surprezas, houve-as para todos os exercitos.

Disse eu que não houve surpreza para nós. Se considerarmos

apenas o facto sob o aspecto geral, eu devo manter a afirmação já feita, corroborada pelas transcrições em que a apoiei.

Se, porém, detalhar essa surpreza, eu devo dizer que todos os que tomaram parte na batalha do Lys, no dia 9 de abril de 1918, foram surpreendidos, cada um sob o seu ponto de vista.

Assim,

1.°— Nós fomos supreendidos quanto à data porque ninguem poderia supôr que o alto comando inglez ordenaria uma rendição sem ter a certeza de que as informações fornecidas pelos nossos observadores, não representavam um perigo tão proximo. Era de crer que a espionagem informaria sobre a ofensiva para a qual teria sido dada ordem com uma certa antecedencia.

2.°— Os inglezes foram surpreendidos porque os altos comandos não foram informados a tempo de poderem resistir à ofensiva ou, sequer, de suster a rendição para evitar a fraqueza resultante dessa operação.

3.°— Os alemães foram surpreendidos porque não previram a resistencia das nossas forças, nem avaliaram perfeitamente a nossa fraqueza. Nem esperavam que as nossas depauperadas forças lhes causassem tantas baixas, nem supuzeram que o nosso sector estivesse tão fracamente defendido.

Sabiam que a resistencia seria grande, por isso desencadearam uma verdadeira tempestade de ferro e fogo sobre o sector, que depois atacaram com oito divisões. Mas, apezar de todas essas circunstancias, a resistencia foi tão heroica que só muito lentamente progrediram, como o diz o General Ludendorff no seu livro, pois não admitiam que ela fosse oferecida por pequenos nucleos, e foi devido a isso que o avanço não foi mais importante.

Avançando sem encontrar fortes contingentes, supuzeram que o grosso das forças tivesse fugido e, apenas, os loucos tivessem ficado.

É em virtude destes factos tão extraordinarios, que pareceram impossiveis, que oficiaes alemães houve que disseram terem as nossas tropas abandonado o campo de batalha. Essas declarações, em face dos factos averiguados, de ignominiosas que eram, tornaram-se gloriosas para nós.

E, contudo, alguma cousa houve de verdade nessas declarações. Na verdade, muitos deixaram de combater porque a velha e terrivel

Parca lhes ceifou as vidas, mas a alma, a velha alma de Portugal, ficou insuflando nos sobreviventes o ancestral heroismo da nossa raça.

Foram, talvez, os alemães os mais surpreendidos nesse dia.

O Marechal Hindemburgo era, porém, mais rigoroso no seu julgamento.

Assim, no seu livro «A MINHA VIDA», livro aliás repassado de um profundo desejo de justiça, sinceridade e verdade, como se nota ao lel-o, dizia:

«Os portuguezes abandonaram, na maior parte, o campo de batalha numa fuga louca, renunciando definitivamente ao combate a favor dos seus aliados»...

Eram as unicas palavras que se referiam a nós, mas palavras terriveis, valendo mais do que um grosso volume ou, pelo menos, tanto como ele.

Ao lel-as, o meu coração revoltou-se perante a injustiça que representavam e tive a impressão de vêr os mortos levantarem-se e bradarem:

Quem nos defende do labéu de cobardes que nos foi lançado? Quem nos compensa do sacrificio gostosamente realizado pela Patria, fazendo-nos justiça? Chefes! Acaso entendereis que a vossa missão de chefes acabou para conosco no dia em que baqueámos? Quem nos lava da mancha lançada sobre nós? Acaso pensaes que basta ter cumprido o vosso dever batendo-vos valentemente, não vos importando que nos amesquinhem e firam no que tinhamos de mais querido — a nossa honra? Defendei-nos com o mesmo amôr e interesse com que nos guiaram. Não nos esqueçaes e honrae-nos porque honrareis a Patria!

O que eu senti deve ter impressionado egualmente os que, como eu, leram esse livro.

Dispuz-me a tentar a reabilitação dos que haviam sido tão maltratados pelo Marechal Hindemburgo e avaliei as forças de que dispunha para o combate.

Pelo lado adverso tinha um grande chefe militar, que me pareceu animado de propositos de justiça e sinceridade, baseado em informações erradas e suposições sem consistencia. Julguei esse chefe e considerei-o um grande soldado e um homem honrado e, como tal, supu-lo disposto a retratar-se para prestar justiça a outros soldados, ainda que estes tivessem sido seus inimigos.

A maior resistencia poderia vir do seu orgulho.

Por minha parte, tinha a grandeza dos nossos soldados, a grande coragem incutida pelos seus actos heroicos, o apoio dos mortos e, sobre tudo, a vantagem de não ter estado no 9 de abril e não poderem, desta fórma, dizer, aqueles que estão sempre prontos a tudo malsinar, que eu procurava glorias para mim.

Vieram-me à mente as palavras que ouvi um dia ao, então, capitão Ferreira do Amaral, comandante do batalhão de infantaria n.º 15.

Em janeiro de 1918 devia o seu batalhão efectuar um raid. Em virtude do nosso feitio de palradores, toda a gente, inclusivé a população civil, sabia que o raid se efectuaria em determinado dia e a uma certa hora.

Estava eu n'esse dia de observatorio e devia nessa noute, fazer a ligação com o batalhão. Quando saí do observatorio para ir jantar e regressar à linha, ao passar no comando do batalhão, fui falar com o capitão Ferreira do Amaral e disse-lhe: Então sempre se faz o raid hoje? Acho muito arriscado porque toda a gente já o sabe e os alemães com certeza que tambem e, para mais, haverá luar, como tem acontecido estas noutes. Parece-me uma temeridade que ficará sem resultados.

O capitão Ferreira do Amaral olhou para mim e disse-me:

— Você joga, Antunes?

— Não. Felizmente é vicio que não me tenta.

— Pois eu jogo e o meu jogo é este. Faço o raid e comsigo o que se pretende e, então, ganho o jogo, ou não comsigo nada porque apanho uma tareia e, nesses casos, perco. Tudo isto é um jogo.

— Pois seja, logo cá me terá.

E fui-me embora, jantei e regressei ao batalhão pensando no que sairia d'aquilo tudo.

A' noute, seriam talvez umas dez horas, (o raid estava mar-

cado para a meia noute), o capitão Ferreira do Amaral convidou-me a ir até às linhas, e lá fomos, e nelas passámos toda a noute.

Eu tenho a certeza de que ambos esperavamos receber uns grandes cumprimentos de boas vindas, sob a forma de morteiros e metralhadora, à hora indicada para o raid... mas nada aconteceu. Foi uma noute de luar, desse belo luar de janeiro, o campo todo coberto de neve, alvo como a mortalha de um inocente ou a pureza de uma virgem, de um silencio absoluto e, eu não sei que foi que mais admirei, — se a paizagem, se o à vontade e serenidade d'aqueles que ocupavam as linhas e que viviam lado a lado com a morte sem saberem se, na sua constante ceifa, ela não os faria cair de um momento para o outro.

Mas o raid tambem se não efectuou e, mais tarde, alguem, que não me recorda, me disse que a data que se havia indicado fôra propositadamente errada. Não sei o que haverá de verdade nesta informação.

E, avaliadas as forças, travei o combate, (ou joguei, como dizia o capitão Ferreira do Amaral), isto é, escrevi a carta para o Marechal Hindemburgo, carta que é do dominio publico pois foi publicada, já traduzida, pelo jornal «O MUNDO», n.º 7:926 de 9 de fevereiro de 1924.

Desta carta apenas alguns camaradas tiveram conhecimento.

Depois de publicada houve quem censurasse os que, mais altamente colocados, não tomaram essa iniciativa e, muito principalmente, o nosso Estado-Maior.

Eu devo dizer, sem que as minhas palavras tenham o caráter de uma defeza, para que não recebi procuração, que o nosso Estado-Maior, não tinha nada que refutar as palavras da Marechal Hindemburgo. Este, ao escrever o seu livro, não foi mais do que um escritor particular que publicou um livro e o nosso Estado-Maior não pode, nem deve, preocupar-se com os escritos de qualquer, visto que é uma entidade oficial.

Se o Marechal Hindemburgo tivesse escrito o seu livro como Chefe do Estado-Maior dos exercitos alemães, isto é, se o seu livro constituisse um documento oficial, ao nosso Estado-Maior apenas competiria reunir os elementos necessarios para que a diplomacia exercesse, rectificando, a sua acção, e nada mais.

Mas, se o nosso Estado-Maior, pretendendo ir além do que eu julgo serem as suas atribuições, se tivesse dirigido ao Marechal Hindemburgo e este não respondesse, em que situação ficaria perante esse desaire? O nosso Estado-Maior, ou qualquer outra entidade oficial, não podia correr esse risco, ao passo que eu, como não arras-

tava comigo nenhuma responsabilidade oficial, não punha em risco uma suscétibilidade desta natureza. Só eu, portanto, ou qualquer individuo nas minhas circunstancias, é que poderia fazer a tentativa pois que, se surtisse efeito, como surtiu, o beneficio seria colectivo, ao passo que o desaire, se o tivesse havido, teria sido méramente pessoal e, como tal, de nenhuma importancia. A minha situação dava-me, portanto, vantagens sem provocar os inconvenientes.

Creio, pois, ter explicado claramente que aqueles que acusaram as entidades oficiaes, não tinham razão.

Ao nosso Estado-Maior apenas compete fazer o que certamente está fazendo: a historia da nossa participação na guerra perante os documentos oficiaes, historia que passará à posteridade.

*

* *

Houve tambem quem dissesse que eu fazia um ataque cerrado aos inglezes. Tambem não é verdadeira esta ideia. Eu não ataquei ninguem, disse apenas a verdade. Bem pouca e bem fraca seria a gloria dos que se bateram nesse dia se o pedestal da sua estatua de heroismo fosse constituido pela ignominia dos outros. Uma cousa é pôr os factos no seu logar, outra cousa é deturpar a verdade para mascarar os nossos erros e encobrir os nossos defeitos.

Mas, não basta repelir a acusação, necessario se torna explicar os factos.

As palavras que devem ter originado a acusação de um ataque da minha parte ás tropas inglezas, devem ser aquelas em que eu, repetindo mais ou menos as afirmações de Sua Excelencia o General Gomes da Costa, digo que os inglezes nos abandonaram. Quando digo que nos abandonaram, não quero significar que nos trairam. A ideia de uma traição da parte dos inglezes é tão inverosimil que nem merece, sequer, que nos detenhamos sobre ela.

Houve abandono, isso é inegavel, e esse facto mereceria as nossas mais veementes censuras se os acontecimentos não o justificassem ou, pelo menos, não atenuassem a sua gravidade. Impõe-se, para isso, uma breve explicação da vida de trincheiras.

Havia as primeira e segunda linhas ocupadas pela infantaria, metralhadoras e morteiros; à retaguarda, a distancias que, por vezes, não atingiam, contados da primeira linha, os mil metros e raro iam além dos 2.500, estavam as batarias de campanha. Algumas destas estavam tão proximo das linhas que, durante a noute, principalmente, muitas vezes recebiam os cumprimentos das metralhadoras alemãs.

Todo este formigueiro humano comunicava entre si por meio de uma rede telefonica muito desenvolvida e bem montada que, diga-se de passagem e em abono da verdade, geralmente não falava senão quando não era preciso, isto é, em ocasião de calma, pois que o mais pequeno bombardeamento interrompia as comunicações.

Para garantir as ligações entre os comandos dos batalhões na linha e à retaguarda, havia os postos óticos e, para o pedido urgente de socorro à infantaria, S. O. S., fazia-se uso de foguetões de côres combinadas.

Estes dois meios de comunicação eram apenas utilisaveis quando não houvesse nevoeiro.

Pois, apezar de todos estes meios de ligação, raro era saber-se, na propria ocasião, o que se passava na infantaria quando esta pedia socorro. Só passados os primeiros momentos é que se começava recebendo as primeiras noticias. Isto, tratando-se de acontecimentos na propria frente. Quando eles se davam nos outros sectores, só horas, ou até dias, depois é que se sabia o que tinha havido.

Ora no dia 9 de abril ficou-se logo de principio sem comunicações, que foram cortadas pelo terrivel bombardeamento, e as ligações óticas foram impossiveis em virtude do nevoeiro.

A nossa linha, construida quasi toda de sacos de terra, fracamente ocupada, tanto pelo numero como pelo estado de fraqueza das forças, e surpreendida em plena rendição, foi esmagada logo de principio. (1)

---

(1) Eu conhecia o sector de Laventie perfeitamente. Depois da retirada das tropas alemãs, percorri-o todo. A transformação era tão profunda que eu mal consegui distinguir onde haviam sido as nossas linhas. Não se pode atribuir a ataques realizados pelos inglezes pois a retirada alemã no nosso antigo sector fez-se como consequencia imediata da retirada em toda a frente de batalha a quando da ofensiva aliada de que resultou a vitória final.

Assim, os alemães poderam avançar livremente pois quasi toda a nossa infantaria tinha desaparecido aniquilada pela tempestade de ferro, fogo e gazes desencadeada como preparação do ataque.

Tendo atacado, egualmente, nos dois extremos da nossa frente, isto é, nas duas ligações com as forças inglezas, pontos bastante vulneraveis por condição, os alemães poderam passar pelas aberturas formadas pelo esmagamento dos nossos flancos. Os inglezes, fortemente atacados nesses pontos, não podendo observar o que se passava, por causa do nevoeiro, tiveram a impressão que qualquer teria — que os nossos tinham recuado — e recuaram então para formarem os seus flancos defensivos.

Desta forma, a infantaria alemã passou e, é assim que observando e estudando os acontecimentos desse dia, nós vemos que os flancos desapareceram quasi por completo e o nosso centro foi envolvido. Foi assim que as nossas batarias do centro souberam o inimigo na sua retaguarda sem o terem visto avançar.

Foi nas tropas que formavam o flanco do nosso sector, que tivemos o maior numero de baixas tanto em mortos como em prisioneiros.

Qual foi, pois, a falta dos inglezes? Nenhuma, ou, para satisfazer os mais exigentes, apontarei a da precipitação das disposições tomadas.

Mas esta mesma é perfeitamente justificada pelas circunstancias do momento.

Vendo-se fortemente atacados, vendo que a infantaria alemã começava a infiltrar-se pelas junções entre o nosso sector e os seus, respectivamente na direita e na esquerda, ignorando por completo o que se passava conôsco porque, tanto as comunicações como a observação eram impossiveis, procuraram o remedio que a ocasião impunha deixando para depois o tomar melhores disposições.

Depois dos factos consumados, é facil fazer uma rétro-profecia e, assim, hoje podemos dizer que, se os inglezes não nos têm retirado o apoio que tivemos em março ou se, no dia 9 de abril, em vez de tratarem exclusivamente da sua defeza, nos tivessem auxiliado estendendo a sua acção até ao nosso sector fazendo convergir para ahi as reservas que tinham à retaguarda das suas forças, os alemães não teriam avançado.

Mas, como disse, isto é profetizar em face de factos consumados, o que é facil.

Se, porém, nos abstivermos desses factos, não podemos deixar de convir que a atitude dos inglezes não é tão digna de censura como à primeira vista parece. As suas reservas não eram, tambem, muitas; eram apenas as proprias das unidades em primeira linha.

Qual era o chefe que, desconhecendo absolutamente o que se passava ao lado, iria arriscar essas poucas forças num sacrificio inutil? Julgando, como as circunstancias faziam crêr, que as nossas tropas haviam recuado, quem se abalançaria a tentar deter uma ofensiva com um pequeno nucleo de forças à sua disposição, retirando esse apoio às suas proprias unidades? Um chefe que, tendo elementos na sua mão, não toma uma decisão acertada, é tratado de incompetente e a sua carreira termina no dia em que a sua intiligencia o atraiçoa; mas um chefe que, perante factos a que a lógica e o raciocinio apenas podem dar um significado, toma decisões contra esse raciocinio, não tem mais do que meter uma bala na cabeça porque o estéril sacrificio de homens assim consumado reveste o aspecto de loucura ou assassinio.

Um chefe, por mais duro que seja o seu coração, por mais ferrea que seja a sua vontade, por mais energico que seja o seu carater, não é nunca de animo leve que conduz homens ao sacrificio. Se fôsse possivel recolher as impressões experimentadas por aqueles a quem o dever e a situação impõem o mando, muita gente ficaria admirada das verdadeiras tempestades que, por vezes apenas em segundos, se desenvolvem nesses cerebros. E, quanto mais alta é a situação de quem manda, tanto mais encarniçado é o combate travado entre o coração e o dever. Aqueles que dizem — vamos — têm a vantagem de correr o risco que impõem; aqueles que dizem — vão — sustentam uma mais terrivel luta porque a consciencia é um inimigo que não perdôa, e, ai daqueles a quem ela acusa.

Mandar! Eis a suprema aspiração da maioria.

Dominar! Sonho dourado de quasi toda a gente.

Mas, o que muitos ignoram, é que é no exercicio do mando que se criam mais cabelos brancos e mais cêdo, e mais profundas, as rugas. O que muitos desconhecem é que não manda quem quer mas, sim, quem sabe. A função de mandar exige uma soma de conhecimentos que são, por uma grande parte, ignorados e de cuja existencia nem sequer suspeitam. São conhecimentos que não se estudam nos livros; são instintivos. A primeira cousa que é preciso

ser-se, é psicólogo, profundamente psicólogo, mesmo. Não se manda segundo principios rigidos e regras inflexiveis. É preciso conhecer quem se manda, e esse conhecimento tem que se tomar rapidamente, instantaneamente, se possivel fôr, para que não haja exitações. É preciso saber quando se deve cedêr sem que esse facto possa ser considerado fraqueza ou inépcia; é preciso saber quando se deve resistir sem que essa resistencia constitua excésso ou autoritarismo. É preciso saber distinguir a obediencia consciente da, propriamente, automática; a voluntaria, da resultante do mêdo dos regulamentos ou do pelotão de execução. Parecendo, à primeira vista, ser esta a mais firme, é, contudo, a que assenta em bases mais instaveis. Ai do chefe que não consiga mais do que uma obediencia desta natureza. Quando menos esperar, perderá toda a sua acção que não terá sido mais do que um sonho cujo despertar será terrivel. Só conseguirá fazer-se obedecer até ao sacrificio, aquele que souber convencer e não, vencer. As vitórias desta natureza são fumos que se evolam ao primeiro sôpro do perigo. E, raro é que esse sôpro, principalmente na guerra, se não transforme em vendaval que origine um tremendo cataclismo, tão grande e tão terrivel que pode chegar a produzir a perda de uma nacionalidade. E, a primeira qualidade que um chefe deve patentear para conseguir uma inteira obediencia, é a ponderação em todos os seus actos, ter a intuição da oportunidade das medidas a tomar, não exigindo sacrificios inuteis nem poupando os estritamente indispensaveis. Todas estas qualidades são apreciadas num grande tribunal de que muitos parecem não se dar conta — o tribunal da consciencia das massas, — tribunal natural, obedecendo exclusivamente às leis do instinto e, como tal, incorrutivel.

Parecem estas minhas palavras descabidas aqui, mas, se as ponderarmos um pouco, veremos que o não são. Meditem sobre elas, principalmente, os que têm ambições de mando.

Tendo suposto que as nossas forças haviam recuado, fizeram o que estava naturalmente indicado: recuaram os seus flancos procurando a junção com a nova linha que teriamos ocupado, tentando, assim, impôr um saliente às linhas adversas. Quando reconheceram o erro em que tinham incorrido, era já tarde e o saliente tentado transformou-se em corredor de passagem.

Na nossa direita tiveram os inglezes a noção da verdade mais

cêdo e contra-atacaram, mas, na esquerda, já não foi possivel um movimento identico.

Foi, pois, a anormalidade de todos os factos ocorridos nesse dia, que determinou a atitude assumida pelos inglezes e, assim, não é para admirar que, como diz o Marechal Hindemburgo na sua carta, tenha sido um oficial inglez prisioneiro quem disse que as nossas tropas tinham fugido.

Fomos abandonados, isso não oferece duvidas, mas esse abandono não teve o caracter criminoso que parece ter querido atribuir-se-lhe.

Estou a ouvir já os eternos criticos dizerem que, depois de ter atacado, defendo os inglezes. Não fiz uma cousa nem pretendo a outra. Não tinham as minhas palavras forças para atacar, como hoje não têm competencia para a, aliás inutil, defeza.

O que pretendo é pôr as cousas no seu logar, tanto quanto em mim caiba e, sobretudo, ser lógico e coerente nas minhas acções. Não fazia sentido que, tendo-me dirigido ao Marechal Hindemburgo invocando os principios da lealdade e da justiça, eu não usasse desses mesmos principios para com aqueles que lutaram a nosso lado.

Foi a minha carta, como atraz disse, publicada na integra, já traduzida, no jornal «O MUNDO», Tendo saído com algumas inexatidões, e tratando-se da sua historia completa, não é demais que aqui a reproduza, tal como foi escrita, e a respectiva tradução.

Portugal, Queluz, le 20 novembre 1923

Monsieur le Maréchal
HINDEMBURG

Sur tous les champs de bataille et dans les coeurs de chaque combattant, un sentiment surmonte toujours toutes les raizons politiques ou d'interés et toutes les haines. C'est le sentiment de justice envers l'ennemi. Jamais un juge n'a un si grand soucis de justice

Portugal, Queluz, 20 de novembro de 1923

Ex.^{mo} Senhor Marechal
HINDEMBURGO

Sobre todos os campos de batalha e no coração de cada combatente, um sentimento sobreleva sempre todas as razões politicas ou de interesses e todos os odios. É o sentimento de justiça para com o inimigo. Não ha juiz com maior preocupação de justiça

que celui qui combat. Malgré tous ces bons désirs, combien de fois, cependant, par la chaleur de la lutte, par la méconnaissance de quelques circonstances du moment, on est injuste. Mais, quand l'occasion se présente de revenir sur le premier jugement et de le rectifier, il n'y a pas un seul combattant qui ne s'estime très heureux de rendre à son ennemi l'honneur qui avait été foulée aux pieds. Pourquoi, tous ces soucis de justice, se demanderont tous ceux qui ne les comprennent pas?!. Parce que les armées qui se combattent éssayent toujours vaincre l'ennemi, mais jamais le déshonnorer car, tout en le réussissant, se déshonnoreraient elles mêmes. C'est que dans toutes les armées une religion survole toutes les passions — c'est la religion du devoir, de l'honneur et de la bravoure. Sans cette religion, la vie d'une armée deviendrait impossible et, sans cette possibilité de vie, le pays qu'elle personnifierait, ne pourrait pas exister.

Ayant lû vos mémoires «AUS MEINEM LEBEN», j'ai remarqué sur tous les passages un vif désir d'être juste, en même temps qu'un ardent amour de la Patrie. J'y ai trouvé des pas-

do que aquele que combate. Apesar de todos estes bons desejos, quantas vezes, no entanto, pelo calôr da luta, ou pelo desconhecimento de algumas circunstancias do momento, se é injusto. Mas quando se apresenta uma ocasião de reconsiderar sobre o primeiro julgamento e de o rectificar, não ha um unico combatente que não se considere muito feliz por ilibar do seu inimigo a honra que lhe havia calcado aos pés. Porquê, todas estas preocupações de justiça, perguntar-se-ão todos aqueles que não as compreendem?! Porque os exercitos que se degladiam, procuram sempre vencer o inimigo, mas nunca desonral-o porque, conseguindo-o, desonrar-se-iam a si proprios. É que em todos os exercitos uma religião plana acima de todas as paixões, — é a religião do dever, da honra e da bravura. Sem esta religião, a vida de um exercito tornar-se-ia impossivel e, sem esta possibilidade de vida, o paiz que ele personificasse, não poderia existir.

Tendo lido o vosso livro «A MINHA VIDA», notei em todas as suas passagens um vivo desejo de serdes justo, ao mesmo tempo que um ardente amor da Patria. Encontrei pas

sages qui n'ont pas été écrits d'après des obsérvations personnelles, mais d'après les rapports des commandants des unités engagées. Ces rapports, écrits souvent sous l'impression de la lutte, ont, souvent, été, quoique involontairement, fautifs. Et vos mémoires, écrites en septembre 1919, en souffrent malgré tous vos bons désirs. De tous les passages, il y en a un qui determine ces lignes. Il s'agit de la description de la bataille de la Lys où vous parlez de la conduite des troupes portuguaises. Vous dîtes:

«Le 9 avril, anniversaire de la grande bataille d'Arras....

Malgré tous les obstacles naturels et artificiels, nos troupes réussirent, sous la protèction du feu de notre artillerie et de nos mortiers de tranchée, à mener à bien cette attaque surprenante que ni les anglais, ni les portuguais, intercalés au millieu d'eux, ne considéraient comme possible. Les troupes portuguaises abandonnèrent pour la plûpart le champ de bataille en une fuite éperdue et laissèrent à leurs alliès le soin de nous combattre.....»

sagens que não foram escritas segundo observações pessoaes, mas segundo relatorios fornecidos pelos comandantes das unidades empenhadas na luta. Estes relatorios, escritos muitas vezes sob a impressão da luta, foram, por vezes, ainda que involuntariamente, defeituosos. E as vossas memorias, escritas em setembro de 1919, sofreram essa influencia apezar de todos os vossos bons desejos. De todas as passagens ha uma que determina estas linhas. Trata-se da descrição da batalha do Lys onde, falando da conduta das tropas portuguezas, dizeis:

«No dia 9 de abril, aniversario da grande batalha de Arras.

Apezar de todos os obstaculos naturaes e artificiaes, as nossas tropas conseguiram, sob a protèção do fogo da nossa artilharia e dos nossos morteiros de trincheira, realizar vitoriosamente este ataque surpreendente que nem os inglezes, nem os portuguezes, intercalados no meio d'eles, consideravam possivel. As tropas portuguezas abandonaram, na maior parte, o campo de batalha numa fuga louca deixando aos seus aliados o cuidado de nos combater.....»

C'est la rectification de ces lignes, d'après les rapports que j'ai l'honneur de soumettre à votre apréciation, que j'ose vous demander au nom de la justice dûe à l'adversaire d'hier et de la religion des armées. En s'agissant d'une démarche tout à fait particulière, je vous demande pardon de ma hardiesse et d'avoir oublié la difference de rangs entre nous, ayant comme excuse l'amour de la Patrie qui me pousse à la faire.

D'abord il faut vous mettre au courant de la vraie situation et des conditions des troupes portuguaises le 9 avril 1918. Tous les renseignements qui vont suivre sont extraits des rapports officiels publiés par Monsieur le Général Gomes da Costa, Comandant la 2éme division portuguaise qui était en ligne le 9 avril 1918.

.....

.....

Toutes les unités de la division avaient un effectif de 627 officiers et 18.000 hommes. Il lui manquait, pour le complet, à peu près, 400 officiers et 7.000 soldats.

Du *1er* jusqu'au 6 avril, le secteur portuguais était ainsi garni:

É a rectificação destas linhas, em face dos relatos que tenho a honra de submeter à vossa apreciação, que ouso pedir-vos em nome da justiça devida ao adversario de ontem e da religião dos exercitos. Tratando-se de uma diligencia absolutamente particular, peço-vos que me perdoeis a ousadia e o ter esquecido a diferença de situações entre nós, tendo, como desculpa, o amôr da Patria que me leva a efectual-a.

Em primeiro logar é preciso pôr-vos ao corrente da verdadeira situação e das condições das tropas portuguezas no dia 9 de abril de 1918. Todas as informações que vão seguir são extraídas dos relatos oficiaes publicados por S. Ex.ª o Sr. General Gomes da Costa, Comandante da 2.ª divisão portugueza que estava nas linhas no dia 9 de abril de 1918.

.....

.....

«Todas as unidades da divisão tinham um efectivo de 627 oficiaes e 18.000 homens. Faltava-lhe, para o completo, pouco mais ou menos, 400 oficiaes e 7.000 homens.

De 1 a 6 de abril, o sector portuguez estava guarnecido da seguinte maneira:

Fauquissart

1ère ligne — 4ème B. I.

Neuve-Chapelle

1ère ligne — 6ème B. I.
Ligne des villages (Resèrve) — 2 bataillons de la 3 ème B. I.

Ferme du Bois

1ère ligne — 5ème B. I.

L'effectif des 3 brígades était de 209 officiers et 4.448 soldats et, en déduisant tous ceux qui étaient employés dans les services des ambulances, ravitaillements, etc., la division n'avait pas plus de 4.800 fusils disponibles.

La 3ème brigade, qui étair allée occuper la ligne des villages, avait seulement 89 officiers et 3.590 soldats.

Et, c'était avec de pareils effectifs, qu'elle devait garnir les 21 postes de la ligne des villages, renforcer le front et faire les contre-attaques.

.....

«La 2ème division, depuis les 7 heures du 6 avril, appartenait, tactiquement, à l'11ème corps anglais. Le front qui était attribué à la division avait,

Fauquissart

1.ª linha — 4.ª B. I.

Neuve-Chapelle

1.ª linha — 6.ª B. I.
Linha das aldeias (reserva) — 2 batalhões da 3.ª B. I.

Ferme du Bois

1.ª linha — 5.ª B. I.

O efectivo das 3 brigadas era de 209 oficiaes e 4.448 praças e, deduzindo todos os que estavam impedidos nos serviços de ambulancias, reabastecimentos, etc., a divisão não tinha mais do que 4.800 espingardas disponiveis.

A 3.ª B. I., que tinha ido ocupar a linha das aldeias, tinha apenas 89 oficiaes e 3.590 praças.

E, era com semelhantes efectivos que devia guarnecer os 21 postos da linha das aldeias, reforçar a frente e fazer os contra-ataques.

.....

«A 2.ª divisão, a partir das 7 horas do dia 6 de abril, pertencia, táticamente, ao 11.º corpo inglez. A frente atribuida à divisão tinha então um com-

alors une longueur de 11 quilomètres; les 16 bataillons des 4 brigades avaient un effectif moyen de 400 fusils disponibles, d'où résulte une densité si réduite, qu'à elle seule, prouve l'impossibilité de résister à une attaque plus énergique.

En verité la division était une division toute entière en postes avancés, mais sans les ressources nécèssaires pour résister pendant une durée assez appréciable. Et, c'était *Situation de postes avancés* le nom que lui donnait le plan de défense.....

.....

.....

«Le 2 avril je faisais, remarquer le manque d'effectifs de la 6ème brigade d'infanterie qui avait seulement 115 officiers et 2801 soldats ayant des bataillons, tel que celui du 1er R. I., avec, seulement, 8 officiers.....

.....

«Depuis juillet 1917.....

.....

je faisais voir qu'en étant les effectifs de mobilisation de 37 officiers par bataillon d'infanterie, ceux-ci n'en avaient que 16,19 et même 13 seulement; qu'en étant l'effectif de mobilisation de 1083 soldats par

primento de 11 quilometros; os 16 batalhões das 4 brigadas tinham, em média, um efectivo de 400 espingardas disponiveis, do que resulta uma densidade tão reduzida que, por si só, prova a impossibilidade de resistir a um ataque mais energico.

Na verdade a divisão era uma divisão toda em postos avançados, mas sem os recursos necessarios para resistir durante um periodo assaz apreciavel. E, era *Situação de postos avançados* o nome que lhe dava o plano de defeza..

.....

.....

.....

«No dia 2 de abril eu fazia notar a falta de efectivos da 6.ª B. I., que tinha apenas 115 oficiaes e 2801 praças havendo batalhões, como o do 1, com, apenas, 8 oficiaes.....

.....

.....

.....

«Desde julho de 1917.....

.....

eu fazia notar que, sendo os efectivos de mobilisação de 37 oficiaes por batalhão de infantaria, estes não tinham senão 16, 19 e, até mesmo, 13, sómente; que sendo o efectivo de mobilisação de 1083 praças

bataillon, ceux-ci n'en avaient que 650, em moyenne.....

.....

«Le 8 avril la division manquait de

37 % d'officiers

24 % de soldats

.....

Le 30 mars 1918, la division manquait de 399 officiers et 7059 soldats.....

.....

.....

«D'abord le Corps Expéditionaire Portuguais n'avait, à cause du manque d'effectifs, aucune resèrve; la division avait une brigade, que l'on appellait de resèrve, mais comme elle avait une mission indiquée à l'avance sur le plan de défense, comme resèrve elle n'en gardait que le nom.....

.....

.....

«Le 7 avril j'ai fait voir au Général Haking, Commandant l' 11ème corps anglais, auquel la division appartenait, l'état de la division manquante d'effectifs et très affaiblie par une permanence de presque une année suivie dans les tranchées.....

.....

.....

«Le 8 avril je recevais l'ordre de reddition où il était établi .....

por batalhão, estes não tinham senão 650, em média.....

.....

«No dia 8 de abril à divisão faltavam

37 % de oficiaes

24 % de praças

.....

«No dia 30 de março de 1918 faltavam à divisão 399 oficiaes e 7059 praças.....

.....

.....

«Em primeiro logar o C. E. P. não tinha, por causa da falta de efectivos, nenhuma reserva; a divisão tinha uma brigada, que se chamava de reserva, mas, como tinha uma missão préviamente indicada no plano de defeza, como reserva não tinha senão o nome

.....

.....

.....

«No dia 7 de abril fiz notar ao Snr. General Haking, Comandante do 11.º Corpo inglez, a que a divisão pertencia, o estado da divisão desfalcada nos seus efectivos e muito enfraquecida por uma permanencia de quasi um ano seguido nas trincheiras.....

«No dia 8 de abril recebia a ordem para a rendição em que se estabelecia o seguinte:....

.....

«La division 55 remplacera la brigade de la droite portuguaise pendant la nuit du 9/10 avril;

«La division 50 remplacerait le centre, la gauche et la resèrve, pendant les nuits de 9/10 et 10/11 avril .....

.....

«De cette façon l'attaque allemande a surpris le commandement supèrieur (11ème corps anglais) et attrappé nos troupes en plein travail de réddition, ce qui est toujours une période dèlicate .....

.....

.....

«Á 4 h. 10 m. un violent et formidable bombardement commençait.....

.....

«Á 4 h. 30 m. il n'y avait plus de liaisons téléphoniques.

«Á 7 h. 50 m. l'infanterie allemande avançait sur nos lignes protégée par le barrage et cachée par le brouillard.

«Le fil de fer de nos défenses accèssoires était disparu et les tranchées étaient détruites; dans la 1ère ligne nous n'avions plus un homme debout.

«L'ennemi avance sur la 2ème ligne, également écrasée, et continue en direction de la ligne des villages, mais, alors, l'avance n'est plus si rapide car il doit vaincre la résistance de

«A divisão 55 renderá a brigada da direita portugueza na noite de 9/10 de abril;

«A divisão 50 renderia o centro, a esquerda e a reserva, nas noutes de 9/10 e 10/11 de abril.....

.....

«Desta maneira o ataque alemão surpreendeu o comando superior (11.º corpo inglez) e encontrou as nossas tropas em pleno trabalho de rendição, o que constitue sempre um periodo delicado.....

.....

.....

«Ás 4 h. 10 m. começava um violento e formidavel bombardeamento .....

.....

«Ás 4 h. 30 m. já não havia ligações telefónicas.

«Ás 7 h. 50 m. a infantaria alemã avançava sobre as nossas linhas protegida pela barragem e a coberto do nevoeiro.

«O arame farpado das nossas defesas acessorias tinha desaparecido e as trincheiras estavam destruidas; na 1.ª linha já não tinhamos um homem de pé.

«O inimigo avança sobre a 2.ª linha, egualmente destruida, e continua em direcção à linha das aldeias mas, então, o avanço já não é tão rapido porque deve vencer a resistencia de

plusieurs groupes qui, à couvert des plis du terrain et des cratères, s'opposent avec enèrgie à la progression; ce sont les restes de 6 bataillons qui se sont sauvés du bombardement préliminaire. En face de la ligne des villages l'ennemi s'est arrêté. Mais cette ligne n'était pas occuppée. La brigade de resèrve, qui avait reçu l'ordre d'en faire l'occupation, avait été presque entièremente détruite..
.....»

Jusqu'à présent je n'ai présenté que des rapports d'un ordre générale. Voyons, maintenant, ce qui suit.

«Á 8 h. la division 40, à ma gauche, me faisait savoir que l'ennemi s'était emparé de sa première ligne et, à 9 h. 45 m., j'en reçois une communication me disant que l'ennemi, qui avait penetré entre le flanc droit de la division 40 et mon flanc gauche, avançait sur Lavantie.

Á 9 h. 30 m. le bataillon de la droite au N. du canal de La Bassée, disait avoir perdu les première et 2ème lignes.

Á 9 h. 45 m. un méssage de la division 40, apporté par un pigeon voyageur, me faísait savoir que cette division

varios grupos que, a coberto das dobras do terreno e das crateras, se opõem com energia à progressão; são os restos de 6 batalhões que se salvaram do bombardeamento preliminar. Em frente da linha das aldeias o inimigo pára. Mas esta linha não estava ocupada. A brigada de reserva, que tinha recebido ordem para proceder à sua ocupação, tinha sido quasi completamente destruida .....
.....»

Até agora não apresentei senão relatos de um caracter geral. Vejamos o que segue.

«Ás 8 h. a divisão 40, à minha esquerda, fazia-me saber que o inimigo se tinha apoderado da sua 1.ª linha e às 9 h. 45 m., recebia uma comunicação dizendo que o inimigo, que tinha penetrado entre o flanco direito da divisão 40 e o meu flanco esquerdo, avançava sobre Lavantie.

Ás 9 h. 30 m. o batalhão da direita, ao norte do canal de La Bassée, dizia ter perdido as primeira e segunda linhas.

Ás 9 h. 45 m. uma mensagem da divisão 40, trazida por um pombo correio, fazia saber que esta divisão ia recuar o seu

allait reculer son flanc droit car la gauche portuguaise reculait. Sur cette depêche il n'y avait pas l'heure de l'expèdition.

A 10 h. 30 m. je reçois un méssage identique de la brigade 164 de la division 55, qui était à ma droite.

De cette façon, les divisions où les flancs de la mienne étaient appuyés, reculaient pour constituer des flancs défensifs, en laissant des ouvertures par où l'ennemi a penetré avec plus de facilité et lui a permis entourer la division portuguaise.

.....»

Il faut faire q. q. remarques au sujet de ces lignes.

L'attaque à la ligne portugaise a commencé à 7 h. 50 m. et à 8 h. le commandant de la division *anglaise,* je dis, portuguaise recevait la communication de la division anglaise à gauche en disant qu'elle avait perdu sa première ligne. Cette division même faisait savoir, par une dêpèche, *où il n'y avait pas l'heure d'expedition,* que la gauche portuguaise reculait. Cette dèpêche, ayant été reçue à 9 h. 45 m., doit être de 9 h. 30 m., c'est à dire, à cette heure ci la division portuguaise tenait encore à gauche et à 10 h. 30 m., à droite.

flanco direito porque a esquerda portugueza recuava. Nesta comunicação não figurava a hora de expedição.

Ás 10 h. 30 m. recebi uma comunicação identica da brigada 164 da divisão 55, que estava à minha direita.

Desta forma as divisões em que os flancos da minha estavam apoiados, recuavam para constituirem flancos defensivos, deixando aberturas por onde o inimigo penetrou mais facilmente permitindo-lhe envolver a divisão portugueza.....

.....»

É preciso fazer algumas observações a respeito d'estas linhas.

O ataque à linha portugueza começou às 7 h. 50 m. e às 8 h. o comandante da divisão portugueza recebia a comunicação da divisão ingleza à sua esquerda dizendo que tinha perdido a primeira linha. Esta divisão fazia saber, por uma comunicação, *onde não figurava a hora de expedição,* que a esquerda portugueza recuava. Esta comunicação, tendo sido recebida às 9 h. 45 m., devia ser das 9 h. 30 m., quer dizer, a esta hora a divisão portugueza mantinha-se ainda à esquerda e, às 10 h. 30 m., à direita.

Les deux divisions anglaises, où était appuyée la division portuguaise, ont reculé leurs flancs et laissé entourer celle-ci.

Mais, voyons ce que dit le Commandant de la division portugaise.

«Á 11 h. q. q. soldats venus du front disaient que l'ennemi s'était emparé de la ligne Lavantie-Rouge Croix-Richebourg.

J'ai demandé à l'artillerie lourde anglaise de battre la ligne des villages, mais le commandant de cette artillerie, ayant crû le tir trop près, a battu la 2 ème ligne.

N'ayant aucune resèrve à ma disposition pour boucher les ouvertures puisque toutes mes forces étaient engagées depuis le commencement, selon les dispositions du plan de défense, je n'avais rien de plus à faire qu'à ordonner de tenir à tout prix en attendant l'arrivée du secours des resèrves anglaises.

Á midi j'espérais encore maintenir les positions; et je les aurais maintenues si les renforts étaient arrivés.....»

Voyons, maintenant, l'action des deux principales engagées dans cette bataille — l'infanterie et l'artillerie.

As duas divisões inglezas, em que se apoiava a divisão portugueza, recuaram os seus flancos e deixaram envolvel-a.

Mas, vejamos o que diz o Comandante da divisão portugueza.

«Ás 11 h. alguns soldados vindos da frente diziam que o inimigo se apoderàra da linha Lavantie-Rouge Croix-Richebourg.

Pedi à artilharia pesada ingleza para bater a linha das aldeias, mas o comandante d'esta artilharia, considerando o tiro muito curto, bateu a 2.ª linha.

Não tendo nenhuma reserva à minha disposição para tapar as aberturas visto que todas as minhas forças estavam empenhadas desde o começo, segundo as disposições do plano de defeza, eu não tinha nada mais a fazer senão ordenar que se mantivessem a todo o custo aguardando a chegada do socorro das reservas inglezas.

Ao meio dia esperava ainda manter as posições e mantel'as-ia se tivessem chegado os reforços.....»

Vejamos, agora, a acção das duas principaes empenhadas nesta batalha — a infantaria e a artilharia.

C'est encore du rapport de Monsieur de Général Commandant la 2 ème division, que j'extrais ce que suit.

«Artillerie—La division avait 4 groupes à 4 batteries. Chaque groupe avait 3 batteries de canons de 75mm et une batterie d'obusiers de 4,5 pouces.

Le 1er groupe défendait Ferme du Bois et la droite de Neuve-Chapelle.

1ère batterie — a tiré depuis 4 h. 15 m. jusqu'à 11 h. 15 m.

2ème batterie — a tiré jusqu'à 12 h. 30 m.

3ème batterie — a tiré jusqu'à 12 h.

4ème batterie — sans communications depuis 4 h. 30 m. Sans munitions et ayant tous ses officiers, sauf le commandant, tués ou blessés, fait sa retraite à 11 h. 45 m.

Le 2ème groupe défendait Neuve-Chapelle. Sans communications depuis le commencement.

1ère batterie — a tiré depuis 6 h. 45 m. jusqu'à 10 h. 45 m. Manquant d'attellages, a laissé ses canons.

É ainda do relato de S. Ex.ª o Snr. General Comandante da 2.ª divisão, que extráio o seguinte.

«Artilharia — A divisão tinha 4 grupos de 4 batarias. Cada grupo tinha 3 batarias de peças de 75mm e uma bataria de obuzes de 4,5 polegadas.

O primeiro grupo defendia Ferme du Bois e a direita de Neuve-Chapelle.

1.ª bataria — fez fogo desde as 4 h. 15 m. até ás 11 h. 15 m.

2.ª bataria — atirou até às 12 h. 30 m.

3.ª bataria — fez fogo até às 12 h.

4.ª bataria — sem comunicações desde as 4 h. 30 m. Sem munições e tendo todos os oficiaes, excéto o comandante, mortos ou feridos, retirou ás 11 h. 45 m.

O 2.º grupo defendia Neuve-Chapelle. Sem comunicações desde o começo.

1.ª bataria — fez fogo desde as 6 h. 45 m. até às 10 h. 45 m. Faltando-lhe os armões, abandonou as peças.

2ème batterie — sans communications depuis le commencement. A tiré jusqu'à 11 h. 55 m.

3ème batterie — a tiré jusqu'à 11 h. 30 m.

4ème batterie — n'ayant plus de munitions, fait sa retraite à 10 h.

5ème groupe—Secteur de Ferme du Bois. Coupées les communications à 4 h. 10 m.

1ère batterie — a tiré jusqu'à 9 h. 30 m. N'ayant plus de munitions et ne pouvant pas en faire le ravitaillement, le sous-lieutenant Costa Cabral, sachant l'ennemi à 300 mètres en face de sa batterie, le charge à la bayonette. Disparu avec toute la garnison.

2ème batterie — Fait son ravitaillement à 9 h. 30 m. Á midi fait sa retraite. Presque toutes les garnisons tuées.

3ème batterie — Sans communications depuis le commencement. A tiré jusqu'à midi.

4ème batterie — A tiré depuis 4 h. 30 m. jusqu'à 9 h. 30 m.

6ème groupe — Secteur de Fauquissart. Sans communi-

2.ª bataria — sem comunicações desde o principio. Fez fogo até às 11 h. 55 m.

3.ª bataria — fez fogo até às 11 h. 30 m.

4.ª bataria — Não tendo já munições, retirou ás 10 h.

5.º Grupo — Sector de Ferme du Bois. Cortadas as comunicações às 4 h. 10 m.

1.ª bataria — fez fogo até às 9 h. 30 m. Não tendo já munições e não podendo fazer o remuniciamento, o alferes Costa Cabral, sabendo o inimigo a 300 metros à frente da sua bataria, carregou-o à baioneta. Desaparecido com toda a guarnição.

2.ª bataria — Fez o remuniciamento às 9 h. 30 m. Ao meio dia retirou. Quasi todas as guarnições mortas.

3.ª bataria — Sem comunicações desde o principio. Fez fogo até ao meio dia.

4.ª bataria — Fez fogo desde as 4 h. 30 m. até às 9 h. 30 m.

6.º grupo — Sector de Fauquissart. Sem comuni-

cations depuis le commencement.

1ère batterie — On n'en sait rien car tous les officiers ont été tués ou disparus.

2ème batterie — Un des canons n'a pas tiré car la garnison a été toute tuée. A tiré jusqu'à 11 h.

3ème batterie — Toute disparue. On n'en sait rien.

4ème batterie — A tiré depuis 5 h. Deux obusiers détruits. Fait sa retraite à 11 h.

Dans toutes les batteries les pertes sont énormes, surtout en officiers.

Presque toutes les batteries ont fait la retraite sous le feu des mitrailleuses.

Voyons, maintenant, l'action de l'infanterie.

Des unités en première ligne on ne peut presque rien dire car presque toutes les troupes y sont restées tuées ou prisonnières.

Cependant, on peut dire q. q., chose des autres unités.

Bataillon du 15ème R. I.— Était à Croix-Marmuze. Ayant reçu l'ordre d'occuper les postes de la ligne des villages du

cações desde o principio.

1.ª bataria — Nada se sabe porque todos os oficiaes foram mortos ou desappareceram.

2.ª bataria — Uma das secções não fez fogo porque a sua guarnição foi morta. Fez fogo até às 11 h.

3.ª bataria — Toda desapparecida. Nada se sabe a seu respeito.

4.ª bataria — Fez fogo desde as 5 h. Dois obuzes destruidos. Retirou às 11 h.

Em todas as batarias as perdas são enormes, sobretudo em oficiais.

Quasi todas as batarias retiraram sob o fogo das metralhadoras.

Vejamos, agora, a acção da infantaria.

Das unidades em primeira linha não se pode dizer quasi nada porque quasi todas as tropas ali ficaram mortas ou prisioneiras.

No entanto, alguma cousa se pode dizer das outras unidades.

Batalhão do 15 — Estava em Croix-Marmuze. Tendo recebido ordem para ocupar os postos das linhas das aldeias do

secteur de Ferme du Bois, mais n'ayant pas pû l'accomplir, les 1ère et 3ème compagnies sont allées jusqu'à Le Hamel, où sont restées avec les forces anglaises jusqu'à l'11 avril. La 2ème compagnie est allée jusqu'à Lacouture. La 4ème compagnie est allée jusqu'à Huit Maisons, ayant perdu en route le deuxième peloton, y arrive à 10 h. 30 m. et rejoigne une compagnie du 14ème R. I. et une force anglaise.

Á Lacouture sont restées les 3ème et 4ème compagnies du bataillon du 13ème R. I. sous le commandement du capitaine Roma; à 11 h. 30 m. la 2ème du 15ème les rejoint. Le capitaine Roma, après avoir abandonné la SENECHAL FARM, qui tombe en ruines, se retranche dans une ligne de tranchées 200 mètres en arrière. La compagnie du 15ème se retranche à N. W. de Lacouture.

Á 13 h. 30 m. il n'éxistait plus dans le fort qu'un peloton du 13ème d'infanterie (bataillon). L'ennemi l'attaque à 14 h. 30 m.; à 16 h. 30 m., les survivants de ce peloton et de la 1ère compagnie du 15ème font la retraite et rejoignent un détachement anglais re-

sector de Ferme du Bois, mas não tendo podido cumpril-a, as 1.ª e 3.ª companhias foram até Le Hamel, onde ficaram com as forças inglezas até 11 de abril. A 2.ª companhia foi até Lacouture. A 4.ª companhia foi até Huit Maisons, tendo perdido, durante a marcha, o segundo pelotão, chegou ali às 10 h. 30 m. e junta-se a uma companhia do 14 e a uma força ingleza.

Em Lacouture ficaram as 3.ª e 4.ª companhias do 13, sob o comando do capitão Roma; às 11 h. 30 m. juntou-se-lhes a 2.ª companhia do 15. O capitão Roma, depois de ter abandonado a SENECHAL FARM. que cae em ruinas, entrincheira-se numa linha de trincheiras 200 metros à retaguarda. A companhia do 15 entrincheira-se a N. W. de Lacouture.

Ás 13 h. 30 m. já não existia no forte senão um pelotão do batalhão do 13. O inimigo ataca-o às 14 h. 30 m.; às 16 h. 30 m. os sobreviventes deste pelotão e da primeira companhia do 15 retiram e juntam-se a um destacamento inglez entrincheirado

tranché dans le Block-house à coté de l'église de Lacouture et *y tient jusqu'à midi du 10 avril*.....

.....

La 2ème compagnie du bataillon du 8ème R. I. a les communications coupées avec le bataillon à 7 h. 25 m. Le commandant de la compagnie, ayant sû que la garnison du AI POST avait été tuée et que l'ennemi s'etait déjà emparé de la 2ème ligne anglaise, à notre gauche, d'où battait notre 2ème ligne, ordonne la formation d'un flanc défensif.

La compagnie du bataillon du 3ème R. I., ayant reçu l'ordre d'avancer, mais, en se heurtant à l'enenmi qui avance du front et de la gauche, venant du secteur anglais, menacée d'être entourée, fait sa retraite.....

.....

Les compagnies de resèrve, qui étaient à Lavantie, se sont mises en route à 5 h. Toutes les deux ont perdu presque tout le monde en route.

La 1ère compagnie du bataillon du 20ème R. I. est attaquée à 8 h. Elle tient jusqu' à 9 h. Á cette heure ci l'ennemi l'attaque par le flanc gauche. Treize hommes, seulement, sont revenus en arrière.....

.....

no Block-house ao lado da igreja de Lacouture e *aí se manteem até ao meio dia do dia 10 de abril*.....

.....

A segunda companhia do 8 tem as comunicações cortadas com o batalhão às 8 h. 25 m. O comandante da companhia, tendo sabido que a guarnição do AI POST tinha sido morta e que o inimigo se havia já apoderado da 2.ª linha ingleza, à nossa esquerda, d'onde batia a nossa 2.ª linha, deu ordem para a formação d'um flanco defensivo.

A companhia do 3, tendo recebido ordem para avançar, mas, encontrando o inimigo, que avança da frente e da esquerda, vindo do sector inglez, ameaçada de ser envolvida, retirou .....

.....

As companhias de reserva, que estavam em Lavantie, iniciaram a marcha às 5 h. Ambas perderam quasi todo o efectivo durante a marcha.

A 1.ª companhia do 20 foi atacada às 8 h. Manteve-se até às 9 h. A esta hora o inimigo ataca-a pelo flanco esquerdo. Treze homens, sómente, voltaram para a retaguarda...

.....

.....

La 2ème ligne du secteur de Fauquissart, à 8 h., était défendue par: la 3ème compagnie do bataillon du 20ème R. I., réduite à 30 hommes, de la Fauquissart Road jusqu'à Elgin Street; la 2ème compagnie du 29ème R. I. de la Masselot jusqu'à la Fauquissart Road et de la Elgln jusqu'à Eriths; les survivants des 1ère et 4ème compagnie du 20 ème R. I. près de la Masselot Street.....

.....

.....

Le Q. G. de la 1ère brigade — Lavantie — est atteint par le bombardement à 8 h. Peu après lui parvient une dépêche en lui disant que le bataillon du 8ème R. I. était anéanti.....

.....

.....

Á 11 h. 30 m. les survivants de la garnison du secteur de Fauquissart, qui occupaient les tranchées au N. W. de Lavantie, n'ayant plus de munitions, font la retraite sur La Gorgue

.....

.....

La 3ème brigade d'infanterie (resèrve) a quitté le secteur de Neuve-Chapelle, où elle était, pendant les nuits du 6/7 et 7/8; la nuit de 8/9 a reçu l'ordre de réddition pour le matin du 9. De cette façon elle n'a

A segunda linha do sector de Fauquissart, às 8 h. era defendida por: a 3.ª companhia do 20, reduzida a 30 homens, desde a Fauquissart Road até Elgin Street; a 2.ª companhia do 29 desde a Masselot até à Fauquissart Road e da Elgin até a Ériths; os sobreviventes das 1.ª e 4.ª companhias do 20 junto da Masselot Street..

.....

.....

.....

.....

O Q. G. da 1.ª B. I. — Lavantie — foi atingido pelo bombardeamento às 8 h. Pouco depois chegou-lhe uma comunicação dizendo que o batalhão do 8 tinha sido aniquilado....

.....

.....

Ás 11 h. 30. os sobreviventes da guarnição do sector de Fauquissart, que ocupavam as trincheiras a N. W. de Lavantie, não tendo já munições, retiram sobre La Gorgue.....

.....

.....

A 3.ª B. I. (reserva) deixou o sector de Neuve Chapelle, onde estava, durante as noites de 6/7 e 7/8; na noite de 8/9 recebeu a ordem para a rendição para a manhã de 9. Desta maneira não lhe foi

même pas pu faire la reconnaissance de la ligne qu'elle aurait occupée pendant l'attataque. Les positions occupées le 9 ont été choisies sur le moment et ses forces y ont tenu jusqu'à midi, en moyenne.....

.....

.....

.....»

Les pertes de la 2ème division ont été, le 9 avril de

327 officiers et
7098 soldats

.....

.....»

«D'après la dèscription que nos venons de faire du dispositif des forces portuguaises et de leur action pendant le combat, ont voit que les préscriptions de l'Infantry Training n'ont pas été respectées. Et elles n'ont pas été respectées par les raizons déjà étudiées et, de cette façon, nous pouvons résumer les causes de l'écrasement de la 2ème division portuguaise le 9 avril, comme suit:

1 — Effectif moyen de 400 fusils disponibles par bataillon d'infanterie quand tous les calculs étaient faits sur une moyenne de 800;

possivel fazer o reconhecimento da linha que teria ocupado durante o ataque. As posições ocupadas no dia 9 foram escolhidas no proprio momento e as suas forças aí se mantiveram até ao meia-dia aproximadamente.....

.....

.....

.....»

«As perdas da 2.ª divisão foram, no dia 9 de abril, de

327 oficiais e
7098 soldados

.....

.....»

«Segundo a descrição que acabamos de fazer do dispositivo das forças portuguezas e da sua acção durante o combate, vê-se que as prescrições da Infantry Training não foram respeitadas. E, não o foram, pelas razões já estudadas, e, desta maneira, poderemos resumir as causas do esmagamento da 2.ª divisão portugueza no dia 9 de abril, tal como segue:

1 — Efectivo médio de 400 espingardas disponiveis por batalhão de infantaria quando todos os calculos eram feitos para uma média de 800;

2 — Réduction excèssive des cadres;

3 — Fatigue excèssive des hommes dûe à la longue et éxagerée permanence dans les tranchées;

4 — L'affaire des permissions et la réddition des unitées par des troupes fraiches;

5 — Action insuffisante de la 3ème B. I. à cause du manque d'effectifs et de la méconnaissance des positions qu'elle devait occuper;

6 — Pérturbation dûe aux préparatifs pour la reddition;

7 — Absence absolue d'une resèrve générale prête à être employée en n'importe quel direction;

8 — Dispositifs de défense n'ayant pas assez de troupes dans le sens de la profondeur;

9 — Positions de l'artillerie très avancées n'ayant pas des dépôts de munitions en nombre suffisant pour leur permettre une longue action et manque d'artillerie lourde en nombre suffisant pour contre-battre l'ennemi;

10 — Zône de manoeuvre très

2 — Redução excessiva dos quadros;

3 — Fadiga excessiva dos homens devida à longa e exagerada permanencia nas trincheiras;

4 — A questão das licenças e a rendição das unidades por tropas repousadas;

5 — Acção insuficiente da 3.ª B. I. devido à falta de efectivos e desconhecimento das posições que devia ocupar;

6 — Perturbação devida aos preparativos para a rendição;

7 — Ausencia absoluta de uma reserva geral pronta a ser empregada em qualquer direcção;

8 — Dispositivo de defeza não tendo tropas suficientes no sentido da profundidade;

9 — Posições de artilharia muito avançadas não tendo depositos de munições em numero suficiente para lhe permitir uma prolongada acção e falta de artilharia pesada em numero suficiente para contra-bater o inimigo;

10 — Zona de manobra muito

petite et ayant beaucoup de dépôts de matèriel et de vivres très avancés;

11 — Mauvaise utilisation de la nommée *resèrve de la division* qui, par le plan de défense, devait garnir une des lignes de défense.

....

....»

«La 2ème division portuguaise, ayant perdu 7.500 hommes, dont 327 officiers, a fait ce qu'elle a pû pour tenir et ne méritait pas que l'on aît dit que la 55ème division anglaise avait été obligée d'établir un flanc défensif sur la ligne Givenchy - Festubert - Le Touret pour se défendre de la pénétration allemande par l'ouverture dans les positions portuguaises à sa gauche.

Il faut savoir qu'à 10 h. 30 m. je recevais, dans mon Q. G. une dépêche de la brigade anglaise 164 de la division 55 me disant qu'elle venait d'établir un flanc défensif à gauche, à Windy Corner; c'est à dire, ce mouvement a été effectué avant cette heure ci; cependant, le commandant du bataillon portuguais de la droite, a fait sa retraite à 10 h. 30 m. tandis qu'à Le Touret, d'abord, et à Lacouture, après,

restrita e tendo muitos depositos de material e viveres muito avançados;

11 — Má utilização da chamada *reserva da divisão* que, pelo plano de defeza, devia guarnecer uma das linhas de defeza.

....

....»

«A 2.ª divisão portugueza, tendo perdido 7.500 homens, dos quais 327 oficiaes, fez o que lhe foi possivel para se manter e não merecia que se tenha dito que a divisão ingleza 55 fôra obrigada a formar um flanco defensivo na linha Givenchy - Festubert - Le Touret para se defender da penetração alemã pela abertura feita nas posições portuguezas à sua esquerda.

É preciso que se saiba que às 10 h. 30 m. recebia no meu Q. G. uma comunicação da brigada ingleza 164 da divisão 55 dizendo que acabava de formar um flanco defensivo à esquerda, em Windy Corner; quer dizer, este movimento foi efectuado antes desta hora; no entanto, o comandante do batalhão portuguez da direita retirou às 10 h. 30 m. enquanto que em Le Touret, primeiro, e em Lacouture, depois, as

les troupes portuguaises ont tenu jusqu'à 15 h. du 9 avril et quelques-unes jusqu'à midi du 10 avril. On voit que ce ne fut pas la retraite des troupes portuguaises qui a fait reculer le flanc gauche de la division 55.

.....

.....»

«Si j'avais une resèrve, au vrai sens du mot, j'aurais, en recevant la communication de la division 55 me disant qu'elle abandonnait ma division, éssayé boucher l'ouverture ainsi produite et y empêcher l'avance ennemie jusqu'à l'arrivée des renforts. Mais, à cette heure là, je n'avais pas une seule unité puisque tout était engagé selon de plan de défense.

.....

.....»

«Le Maréchal Sir Douglas Haig cite, le 9, la division 55 par la façon dont elle s'est battue à Festubert et Givenchy et, le 15, repète cette citation. Pourquoi? Sûrement pour défaire la mauvaise impression que la malheureuse manoeuvre de la division 55 avait faite dans l'esprit public.

Malheureusement le télégrame adressé à Lisbonne par le Commandement supèrieur portropas portuguezas mantiveram-se até às 15 h. do dia 9 de abril e algumas até ao meio dia do dia 10. Vê-se que não foi a retirada das tropas portuguezas que fez recuar o flanco esquerdo da divisão 55.

.....

.....»

«Se eu tivesse uma reserva, no verdadeiro sentido da palavra, teria, ao receber a comunicação da divisão 55 dizendo que abandonava a minha divisão, procurado tapar a abertura assim produzida e aí impedir o avanço inimigo até à chegada dos reforços. Mas, a essa hora, não tinha uma unica unidade, porque todas estavam empenhadas segundo o plano de defeza.

.....

.....»

«O Marechal Sir Douglas louva, no dia 9, a divisão 55 pela maneira como se bateu em Festubert e Givenchy e, no dia 15, repete este louvor. Porquê? Certamente para desfazer a má impressão que a desgraçada manobra da divisão 55 havia produzido no espirito publico.

Infelizmente o telegrama dirigido a Lisboa pelo Comando superior portuguez não con-

tugais n'a pas contrarié le communiqué anglais désireux de sauver l'honneur des divisions 40 et 55 que les communiqués allemands avaient compromise.

La conduite du gouvernement portuguais après le 9 avril, a fait augmenter la supposition rendant la 2ème division portugaise résponsable, par sa faible action, du désastre.

Et, c'est cette idée qu'il faut combattre ; c'est cette supposition qu'il faut éloigner.

La 2ème division portugaise, ayant perdu 7500 hommes, dont 327 officiers, a demontré à l'évidence qu'elle s'est battue avec bravoure et honneur et que, si elle n'a pas fait d'avantage et mieux, ce fut parce qu'il l'était humainement impossible.....»

Après ce que je viens de transcrire, que pourrai je dire encore pour appuyer la demande que j'ai faite au commencement de cette lettre ? De tous les passages du rapport de Monsieur le Général Commandant la 2ème division portuguaise, jaillit un soucis de vèrité. Il ne défend personne ; il attaque tous ceux qui l'ont merité.

D'après ce rapport, on voit que, le 9 avril :

1 — La 2ème division portu-

trariou o comunicado inglez desejoso de salvar a honra das divisões 40 e 55 que os comunicados alemães haviam comprometido.

A conduta do governo portuguez depois de 9 de abril, fez aumentar a suposição tornando a 2.ª divisão portugueza responsavel, pela sua fraca acção, do desastre.

E, é esta ideia que é preciso combater ; é esta suspeita que é preciso afastar.

A 2.ª divisão portugueza, tendo perdido 7500 homens, dos quaes 327 oficiaes, demonstrou à evidencia que se bateu com bravura e honra e que, se mais e melhor não fez, foi por ser humanamente impossivel.....»

Depois do que acabo de transcrever, que poderei eu dizer ainda para apoiar o pedido que fiz no começo d'esta minha carta ? De todas as passagens do relato de S. Ex.ª o General Commandante da 2.ª divisão portugueza, resalta uma preocupação de verdade. Não defende ninguem ; ataca todos os que o mereceram.

Segundo esse relato, vê-se que, no dia 9 de abril :

1 — A 2.ª divisão portugueza

gaise était affaible par une excèssive pérmanence aux tranchées (presque une année suivie où les bataillons, quand ils n'étaient pas en 1ère ligne, étaient en renfort, c'est à dire, toujours sous l'action de l'artillerie, au moins);

2 — Que dans toute la division il n'y avait que 2/3 des effectifs de mobilisation;

3 — Que les cadres, surtout officiers, étaient très réduits;

4 — Que le commandement anglais a été surpris par l'attaque ennemie;

5 — Que la division portuguaise a été attaquée ao moment de la réddition, c'est à dire, dans une situation très critique;

6 — Qu'au moment de l'attaque de l'infanterie allemande, les 1ère et 2ème lignes étaient écrasées et il n'y avait plus un homme debout;

7 — Que les divisions anglaises où était appuyée la division portuguaise, l'ont abandonnée;

8 — Qu'à cause de cet abandon, la division portuguaise a été entourée;

estava enfraquecida por uma excessiva permanencia nas trincheiras (quasi um ano seguido em que os batalhões, quando não estavam na 1.ª linha, estavam em apoio, isto é, sempre sob a acção da artilharia, pelo menos);

2 — Que em toda a divisão não havia senão 2/3 dos efectivos de mobilisação;

3 — Que os quadros, sobretudo de oficiaes, estavam muito reduzidos;

4 — Que o comando inglez foi surpreendido pelo ataque inimigo;

5 — Que a divisão portugueza foi atacada no momento da rendição, isto é, n'uma situação muito critica;

6 — Que no momento do ataque da infantaria alemã, as 1.ª e 2.ª linhas estavam esmagadas e já aí não existia um homem de pé;

7 — Que as divisões inglezas em que a divisão portugueza se apoiava, a abandonaram;

8 — Que, por causa deste abandono, a divisão portugueza foi envolvida;

9 — Que la brigade qui devait occuper la ligne des villages, en ayant changé ses positions la veille de l'attaque et en ayant reçu l'ordre de réddition pour le lendemain, n'a pas pû faire la reconnaissance de ses nouvelles positions de sorte qu'elle n'a pas pû en faire l'occupation;

10 — Que q. q.; unités d'infanterie sont restées au front jusqu'au 10 et jusqu'à l'11 avril;

11 — Que l'artillerie de campagne portuguaise a tenu jusqu'au bout, ayant fait sa retraite quand les munitions manquaient ou quand elles étaient sous le feu des mitrailleuses;

12 — Que la division portuguaise n'avait aucune resèrve à cause du manque d'effectifs et des dispositions du plan de défense établi par le haut commandement anglais.

13 — Que la division portuguaise a été attaquée par 8 divisions allemandes;

14 — Que la division n'a reçu aucun renfort des troupes anglaises;

15 — Que la division n'avait pas assez d'artillerie de

9 — Que a brigada que devia ocupar a linha das aldeias, tendo mudado as suas posições na vespera do ataque e tendo recebido ordem para a rendição para o dia seguinte, não poude fazer o reconhecimento das suas novas posições de forma que não lhe foi possivel fazer a sua ocupação;

10 — Que algumas unidades de infantaria ficaram na frente até 10 e até 11 de abril;

11 — Que a artilharia de campanha portugueza se manteve até ao fim, tendo retirado quando faltavam as munições ou estavam sob o fogo das metralhadoras;

12 — Que a divisão portugueza não tinha nenhuma reserva devido á falta de efectivos e das disposições do plano de defeza elaborado pelo alto comando inglez;

13 — Que a divisão portugueza foi atacada por oito divisões alemãs;

14 — Que a divisão não recebeu nenhum reforço das tropas inglezas;

15 — Que a divisão não tinha bastante artilharia de

campagne pour appuyer l'infanterie et, non plus, assez d'artillerie lourde pour contre-battre l'artillerie ennemie ;

16 — Que la division portuguaise a perdu 7.500 hommes, dont 327 officiers. c'est à dire, plus de 40 % de son effectif total et plus de 60 % des effectifs en ligne.

Et, si nous pensons encore que ces troupes, affaibles et sans renforts, n'avaient même pas la force morale donnée par le village natal derrière les lignes à défendre, on ne peut pas nier que la 2ème division portuguaise, loin d'avoir abandonné le champ de bataille en une fuite éperdue, a lutté avec bravoure.

Et, malgré tout ce que s'est passé, malgré l'épuisement des forces portuguaises, notre artillerie est allée au front au commencement du mois de mai et y est restée jusqu'à la fin de la guerre.

Pourquoi, alors, la division portuguaise a-t-elle lutté, en de si malheureuses conditions, jusqu'à perdre plus de 60 % de ses effectifs ? Parce que dans les veines de ces petits soldats coule encore le sang de ceux

campanha para apoiar a infantaria e, tão pouco, bastante artilharia pezada para contra-bater a artilharia inimiga ;

16 — Que a divisão portugueza perdeu 7.500 homens, dos quais 327 oficiaes, isto é, mais de 40 % do seu efectivo total e mais de 60 % dos efectivos em linha.

E, se pensarmos que estas tropas, enfraquecidas e sem reforços, não tinham sequer a força moral dada pela aldeia natal à retaguarda das linhas a defender, não se pode negar que a 2.ª divisão portugueza, longe de ter abandonado o campo de batalha numa fuga louca, lutou com bravura.

E, apezar de tudo o que se passou, apezar do esgotamento das forças portuguezas, a nossa artilharia voltou para a frente no começo do mez de maio e aí se manteve até ao fim da guerra.

Porque foi, então, que a divisão portugueza lutou, em tão desgraçadas circunstancias, até perder mais de 60 % dos seus efectivos? Porque nas veias d'aqueles pequenos soldados corre ainda o sangue dos que

qui ont découvert les mers, qui ont concquis l'Afrique et les Indes ; le sang qui a été versé, depuis des siècles, sur le monde entier, le sang de ces petits soldats dont l'empereur Napoléon disait — si tous mes soldats étaient comme ceux — ci, je concquérrais le monde entier.

Vous direz, Monsieur le Maréchal, que les 7500 hommes n'ont pas été tous tués mais quelques —uns fait prisonniers. Je vous répondrai avec les paroles que vous attribuez à votre empereur — «C'est celui qui a rèsisté le plus vaillament qui est souvent frappé par le sort le plus dur, la captivité» (rapport de la bataille de Soissons-Reims).

Si vous aviez vu nos petits soldats au combat, vous les auriez aimé, en Général, les auriez admiré, en ennemi.

C'est encore dans vos mémoires que je trouve la défense de la 2ème division portuguaise, en parlant de l'attaque de Rosbertz le 3 juillet 1866 — «Mon peloton avait perdu la moitié de son effectif, preuve qu'il avait fait tout son devoir».

Que la lutte et l'action de la division portuguaise ont été glorieuses, prouve ce que vous

descobriram os mares, que conquistaram a Africa e as Indias, o sangue que ha muitos séculos tem sido vertido no mundo inteiro ; o sangue d'aqueles soldados de quem o imperador Napoleão dizia — se todos os meus soldados fôssem como estes, conquistaria o mundo inteiro.

Vós direis, Senhor Marechal que os 7500 homens não foram todos mortos mas, alguns, aprisionados. Responder-vos-ei com as palavras que atribuís ao vosso imperador. — É, por vezes, aquele que combate mais valentemente, que sofre a mais dura sorte, o cativeiro» (relato da batalha de Soissons-Reims).

Se tivesseis visto os nossos pequenos soldados no combate, tel'os-ieis amado, como general, admirado, como inimigo.

É, ainda, nas vossas memorias que encontro a defeza da 2.ª divisão portugueza, ao falardes do ataque de Rosberitz no dia 3 de julho de 1866. «O meu pelotão tinha perdido metade do seu efectivo, prova de que tinha cumprido todo o seu dever».

Que a lucta e a acção da divisão portuguezas foram gloriosas, próva o que dizeis a

dîtes au sujet de l'armée austro-hongroise sur le front de l'Isonzo — «Cette lutte épuisait térriblement les forces de l'armée austro-hongroise, car elle se battait dans les conditions les plus pénibles contre des forces plusieurs fois supèrieures; ainsi cette lutte est-elle digne de la plus grande gloire».

Et, pour faire remarquer les difficultés de cette journée-là, je ne ferai que transcrire de vos mémoires ce que vous dîtes au sujet de la journée du 8 août 1918: — «Les chars d'assaut, plus rapides qu'au paravant, avaient surpris certains états-majors de divisions dans leurs abris et avaient detruit les communications téléphoniques avec les troupes combattantes. Il en résulte que les états-majors plus élevés ont perdu toute possibilité de commandement. Les premières lignes ne reçoivent plus d'ordres. La situation est d'autant plus inquiètante, ce jourlà, que le brouillard épais empêche de voir ce qui se passe sur le champ de bataille».

La division portuguaise a perdu, le 9 avril, toutes les communications depuis le commencement et un brouillard épais a empêché l'obsèrvatlon du champ de bataille.

respeito do exercito austro-hungaro na frente do Isonzo. — «Esta luta exgotava terrivelmente as forças do exercito austro-hungaro que se batia nas mais penosas condições contra forças muitas vezes superiores; assim esta luta é digna da maior gloria».

E, para fazer salientar as dificuldades d'esse dia, eu não farei senão transcrever das vossas memorias o que dizeis a respeito do dia 8 de agosto de 1918:— «Os carros de assalto, mais rapidos do que anteriormente, surpreenderam certos estados-maiores de divisões nos seus abrigos e destruiram as comunicações telefónicas com as tropas combatentes. D'aí resultou que os estados-maiores superiores perderam toda a possibilidade de comando. As primeiras linhas deixaram de receber ordens. A situação tornou-se ainda mais inquietadora porque, nesse dia, um nevoeiro intenso impedia a observação do campo de batalha».

A divisão portugueza perdeu, no dia 9 de abril, todas as comunicações desde o começo e um nevoeiro intenso impediu a observação do campo de batalha.

MONSIEUR LE MARÉCHAL

Si, en s'agissant de la France, vous dîtes :— «Souvent j'ai vu des officiers et des soldats allemands s'arrêter silencieusement, même en territoire allemand, devant des monuments français, et j'ai éprouvé, comme eux, un profond réspect en songeant aux exploits accomplis par nos advèrsaires et aux sacrifices qu'ils ont subis !» — je suis sûr que vous ne refuserez pas la justice dûe à la 2ème division portuguaise. L'armée anglaise et l'armée allemande n'ont pas besoin de l'honneur de la division portuguaise pour garder leurs gloires.

Agréez, Monsieur le Maréchal, l'exprèssion de mon plus profond respect.

SENHOR MARECHAL

Se, ao tratar-se da França, vós dizeis :— «muitas vezes eu vi oficiaes e soldados alemães deterem-se silenciosamente, mesmo em territorio alemão, deante de monumentos francezes, e experimentei, como eles, um profundo respeito ao pensar nos feitos realizados pelos nossos inimigos e nos sacrificios que suportaram !»— eu estou certo de que não recuzareis a justiça devida á 2.ª divisão portugueza. O exercito inglez e o exercito alemão não carecem da honra da divisão portugueza para conservarem as suas glorias.

Aceitae, Senhor Marechal, a expressão do meu mais profundo respeito.

NUNO ALVARO BRANDÃO ANTUNES

Capitaine au Groupe de Batteries à Cheval

Queluz — Portugal

*

* *

Escrita a carta, faltava resolver o problema de fazel-a chegar ao seu destino. O mais simples era o que adotei. Assim, dirigi-me ao Excelentissimo Senhor Dr. Veiga Simões, nosso ministro em Berlim, solicitando os seus bons oficios.

Em 20 de novembro de 1923 dirigia eu, ao mesmo Ex.^{mo} Senhor, a seguinte carta:

Queluz, 20 de novembro de 1923.

Ex.^{mo} Snr. Ministro:

Perdôe-me V. Ex.^{a} a minha ousadia, mas a carta que acompanha esta, explicará melhor as minhas intenções e o fim que me proponho.

Tendo lido as memorias escritas pelo Marechal Hindemburgo, onde as nossas tropas são tão injustamente apreciadas, eu julguei-me na obrigação, pela lembrança dos soldados que comigo combateram na Flandres, e pela memoria dos que ali morreram, de rebater a opinião publicamente exposta. E, foi assim que escrevi a carta que esta acompanha, carta que eu desejaria fazer chegar ás mãos

do Senhor Marechal Hindemburgo. Desconhecendo, porém, onde o mesmo senhor se encontra, eu pensei que, vistos os fins propostos, eu encontraria no coração de portuguez de V. Ex.ª todo o apoio e auxilio necessarios para a consecução deste desejo. Eu agradeceria, pois, a V. Ex.ª todas as diligencias efectuadas para esse fim, ousando solicitar de V. Ex.ª se digne informar-me sobre a realização do meu desejo.

Aceitae, Senhor Ministro, a expressão do meu mais profundo reconhecimento e crede-me

Muito att., ven. e obrig.

(a) NUNO ANTUNES, capitão.

Quasi em fins de dezembro recebia eu a seguinte carta:

Legação da Republica Portugueza em Berlim.
Nr 3031 — Pr 23/37.

Berlim, 13 de dezembro de 1923.

Ex.mo Snr. Capitão Nuno Alvaro Brandão Antunes

Queluz

Com muito prazer tomei conhecimento da comunicação que deseja que faça chegar ás mãos do Marechal Von Hindenburg, rectificando um trecho do seu livro de memorias, publicado ainda sob a impressão da derrota, na parte referente ao valor das nossas tropas.

Dei já as providencias necessarias para que a carta de V. Ex.ª chegue o mais rapidamente às mãos do Marechal.

Aproveito a ocasião para lhe fazer, Sr. Capitão, os meus atenciosos cumprimentos.

Saude e fraternidade

(a) VEIGA SIMÕES.

Depois de trocada ainda alguma correspondencia sem importancia, recebia, finalmente, a seguinte carta:

Legação da Republica Portugueza em Berlim.
N.º 84 — N.º 25/ilegivel.

Berlim, 24 de janeiro de 1924.

Ex.mo Snr. Nuno Alvaro Brandão Antunes
Capitão de artilharia

Queluz

Junto envio uma carta do Marechal Hindemburgo, dirigida a V. Ex.ª

A esta Legação chegou ela, por intermedio do Consul de Portugal em Hannover, que a enviou já fechada, de modo que me encontro impossibilitado de responder à ultima carta de V. Ex.ª

Caso V. Ex.ª assim entenda, pode enviar-me uma copia dela para então poder satisfazer o pedido da mesma carta.

Saude e fraternidade

(a) Veiga Simões.

Eis a carta recebida do Senhor Marechal Hindemburgo e a que se refere a carta do nosso Ministro em Berlim, de 24 de Janeiro de 1924, atraz transcrita.

Hannover, 19 Januar 1924

Sehr geehrter Herr Hauptmann!

Verzeihen Sie meine späte Antwort auf Ihr Schreiben vom 20 November 1923. Der Umstand dass ich im Archiv unseres ehemaligen Generalstabes nachforschen lassen müsste, wird mich gewiss entschuldigen.

Die Angaben in meinem Buche sind auf Aussagen einer gefangenen englischen Offiziers und auf Meldungen deutscher Offiziere zurückzuführen, die an dem Kampfe betheiligt gewesen waren. Inzwischen hat die Forschung ein milderes Urteil über das Verhalten der portugiesischen Truppen gewonnen, und ich bin daher gern zu nachstehender Erklärung bereit.

In dem Buche, Mein Leben' findet sich bei Besprechung der Schlacht an der Lys folgender Satz:

„Die portugiesischen Truppen verliessen grösstentheils in heilloser Flucht das Schlachtfeld und verzichteten endgültig zu Gunsten ihrer Bundesgenossen auf die Kampfbereit."

Wie mir mitgetheilt wird, bedarf nach dem heutigen Stande der Forschungen diese Fassung einer Berichtigung. Der deutsche Stoss traf die Portugiesen in wenig günstiger Lage. Mehr durch diesen Umstand als durch Vorzüge der Truppe wurde das Fortschreiten der deutschen Angriffe begünstigt. Die Truppe, Offizier wie Mann, hat sich den schwierigen Verhältnissen nach gut geschlagen.

In weiteren Auflagen meiner Bücher soll ausserdem eine entsprechende Berichtigung erfolgen.

Ihr mannhaftes Eintreten für Ihre Waffenehre hat mein altes Soldatenherz sehr erfreut. Je tapferer ein Gegner ist, um so ruhmreicher ist seine Besiegung!

Mit kameradschaftlichem Gruss in grösster Hochachtung

Euerer Hochwohlgeboren

ergebener

von Hindenburg,

Generalfeldmarschall.

Hannover, 19 Januar 1924

Sehr geehrter Herr Hauptmann

Verzeihen Sie meine späte Antwort auf Ihr Schreiben vom 20 November 1923. Der Umstand, dass ich im Archiv unseres sehemaligen Generalstabes nachforschen lassen musste, wird mich gewiss entschuldigen.

Die Angaben in meinem Buche sind auf Aussagen eines gefangenen englischen Offiziers und auf Meldungen deutscher Offiziere zurückzuführen, die an dem Kampfe betheiligt gewesen waren.

Inzwischen hat die Forschung ein milderes Urteil über das Verhalten der portugiesischen Truppen gewonnen, und ich bin daher gerne zu Nachstehender Erklärung bereit:

In dem Buche «Aus meinem Leben» findet sich bei Besprechung der Schlacht an der Lys folgender Satz:

> «Die portugiesischen Truppen verliessen grösstentheils in haltloser Flucht das Schlachtfeld und verzichteten endgültig zu Gunsten ihres Bundesgenossen auf die Kampfarbeit.»

Wie mir mitgetheilt wird, bedarf nach dem heutigen Stande der Forschungen diese Fassung einer Berichtigung. Der deutsche Stoss traf die Portugiesen in wenig günstiger Lage. Mehr durch diesen Umstand, als durch Versagen der Truppe, wurde das Fortschreiten des deutschen Angriffes begünstigt. Die Truppe, Offizier, wie Mann, hat sich den schwierigen Verhaltnissen nach gut geschlagen.

In weitern Auflagen meines Buches soll ausserdem eine entsprechende Berichtigung erfolgen.

Ihr mannhaftes Eintreten für Ihre Waffenehre hat mein altes Soldatenherz sehr erfreut. Je tapferer ein Gegner ist, um so ruhmreicher ist seine Besiegung!

Mit kameradschaftlichem Gruss in grösster Hochachtung

Euer Hochwohlgeboren
ergebener

(Unterschrift) von Hindenburg
General-Feldmarschall

TRADUÇÃO

Hannover, 19 de janeiro de 1924

Ex.^{mo} Snr. Capitão

Peço desculpa de ter demorado a resposta à sua carta de 20 de novembro de 1923. O facto de eu ter de mandar rever o arquivo do nosso estado-maior de então, certamente explicará essa demora.

Os factos narrados no meu livro baseiam-se nos depoimentos de um oficial inglez prisioneiro e nas informações dadas por oficiais alemães que tinham tomado parte no combate.

As investigações a que desde então se tem procedido, dão, porém, um juizo diferente do comportamento da tropas portuguezas, e não tenho duvida em declarar o seguinte:

No meu livro «Da minha vida» acha-se, na narração da batalha do Lys, o seguinte periodo:

> «As tropas portuguezas, na sua maior parte, retiraram-se do campo de batalha n'uma fuga desordenada, deixando aos seus aliados o cuidado de nos combater.»

Conforme fui informado, esta redacção deve ser modificada. O assalto dos alemães encontrou os portugueses em posição pouco favoravel, e o progresso do ataque alemão foi mais favorecido por este facto do que por falta de resistencia das tropas. Considerando-se as circunstancias dificeis, as tropas, tanto o oficial como o soldado, bateram-se valentemente.

Nas novas edições do meu livro far-se-á igualmente a correspondente rectificação.

O meu coração de velho soldado regosija-se vendo a nobre atitude com que V. Ex.ª defende a honra das suas armas. Quanto mais valente é o inimigo, tanto mais gloriosa é a vitoria sobre o mesmo.

Saudo V. Ex.ª como camarada e subscrevo-me com toda a consideração

De V. Ex.ª dedicado

Von Hindenburg
General, marechal de campo

A 18 de fevereiro de 1924 agradecia ao Senhor Marechal Hindemburgo, nos termos da carta que segue. Esta carta, como a primeira, foi enviada por intermédio do nosso Ministro em Berlim, cujos bons oficios solicitava na mesma data.

Queluz, le 18 fevrier 1924

Monsieur le Maréchal

En possession de votre honnorée du 19 janvier. Je voudrais connaître un autre mot pour vous signifier toute ma reconnaissance mais, aucun ne m'a paru plus significatif que cette s i m p l e exclamation: merci.

Mais, les paroles ont la signification que le sentiment leur emprunte et je mets dans ce simple mot tout mon coeur de portuguais et de soldat.

Quand j'ai lu votre livre, j'ai, tout de suite, éprouvé un vif désir de vous écrire. J'ai hesité, après les premiers moments, car j'ai pensé à la distance qui nous séparait, mais j'ai pensé que, toute en aimant votre Patrie, tel qu'on le sent en lisant vos mémoires, et tout en étant un vieux soldat tel que vous l'êtes, ma démarche trouverait un écco dans votre coeur et ma hardiesse serait pardonnée car vous les comprendriez.

Nous nous sommes combattu hier; nous avons fait tout notre possible pour anéantir

Queluz, 18 de fevereiro de 1924

Senhor Marechal

Em meu poder a vossa prezada carta de 19 de janeiro. Desejaria conhecer uma outra palavra para vos significar todo o meu reconhecimento mas, nenhuma m e pareceu mais apropriada do que esta simples exclamação: obrigado.

As palavras teem, porém, a significação que o sentimento lhes imprime, e eu ponho nesta todo o meu coração de portuguez e de soldado.

Quando li o vosso livro, senti imediatamente um vivo desejo de vos escrever. Hesitei, passados os primeiros momentos, pois pensei na distancia que nos separava mas, pensei egualmente que, amando a vossa Patria, como se sente ao ler as vossas memorias, e sendo um velho soldado, como sois, a minha tentativa encontraria éco no vosso coração e a minha ousadia seria perdoada, porque as compreenderieis.

Batemo-nos ontem; fizémos todo o possivel para destruir os planos formados de parte a

tous les plans formés d'un côte et de l'autre; nous avons risqué nos vies, que nous aurions joyeusement sacrifiée, pour glorifier nos Patries; mais, il n'y avait aucune raison pour nous empêcher d'être justes envers ceux qui avaient été nos respectifs advèrsaires. Et, ce fût cette pensée qui m'a donné le courage pour faire la démarche éssayée près de vous.

Je vous remercie des bonnes paroles que vous m'adressez en parlant de la façon dont j'ai défendu l'honneur de l'armée de ma Patrie. Ce sont bien les paroles d'un vieux grand soldat et, je vous assûre que ce fut comme soldat qui fait de son métier une profession d'honneur et de l'amour de la Patrie une réligion, que je les ai reçues dans mon coeur.

Encore une fois je vous dis: — merci, de tout mon coeur.

Acceptez, Monsieur le Maréchal, l'expression de ma plus profonde reconnaissance.

parte; arriscámos as nossas vidas, que teriamos alegremente sacrificado, para glorificar as nossas Patrias; mas nenhuma razão havia que nos impedisse de sermos justos para com aqueles que haviam sido os nossos respétivos adversarios. E, foi esta ideia que me deu a coragem para executar a diligencia que tentei junto de vós.

Agradeço-vos as boas palavras que me dirigidís ao falardes da maneira como defendi a honra do exercito da minha Patria. São bem as palavras de um velho grande soldado e, asseguro-vos que foi como soldado que faz das armas uma profissão de honra e do amôr da Patria uma religião, que as recebi no meu coração.

Mais uma vez vos digo: — obrigado, de todo o meu coração.

Aceitae, Senhor Marechal, a expressão do meu mais profundo reconhecimento.

NUNO ANTUNES
Cap.

Aqui deixo, publicamente manifestado, o meu agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Veiga Simões, nosso ilustre Ministro em Berlim, pelo valioso e patriotico auxilio que me prestou no desempenho da minha missão. E, ao prestar as minhas homenagens, eu estou certo de interpretar o sentir de todos os que amam a sua Patria.

*

* *

Se, ao escrever a minha carta ao Marechal Hindemburgo, previ a probabilidade de não obter qualquer resposta, o que não supuz, depois desta recebida, foi que o seu conhecimento publico causaria tanta impressão.

De varios pontos do Paiz me chegaram cartas de felicitações que me chocaram profundamente. Uma, porém, pela grande estima e consideração que me merece quem ma dirigiu, sensibilizou-me em extrêmo. É que, a par de uma penhorante saudação, representa, para mim, a recompensa recebida pelo esforço permanentemente desenvolvido em França. Eis, em toda a sua singela grandeza, a carta a que me refiro :

REPUBLICA PORTUGUEZA

MINISTERIO DO INTERIOR

GABINETE DO MINISTRO

Meu caro Nuno Antunes

Lisboa-14-Fevereiro-1924

Publica o Mundo um trabalho interessante e altamente patriotico devido a si, à sua intiligencia e ao seu amor pela nossa artilharia e pelo exercito.

Descrever o que foi o nosso esforço na Guerra não é trabalho dificil mas fazel'o por forma convincente, levando o Marechal Hin-

den.burgo a ter de confessar que errou no mau juizo que emitiu acerca da conduta das nossas tropas, é que não faz qualquer.

Conheci-o a si na Guerra como oficial valente e cumpridor, pondo ao serviço destas duas qualidades uma intiligencia forte. O serviço, porem, que Nuno Antunes acaba de prestar ao seu Paiz sobreleva a quantos em campanha praticou.

Quem lhe escreve estas linhas foi seu Comandante em campanha e orgulha-se agorá, ao felicital-o pelo seu nobre acto, que representa uma autentica victoria, vendo que o juizo formulado em França, acerca do tenente Nuno Antunes, apenas era errado por ser inferior ao que neste momento todos nós, artilheiros, sentimos por ele.

Mando-lhe um aperto de mão de amigo e de admirador

(a) Sá Cardoso

Esta carta tem, para mim, um enorme valor. Trabalhei muito em França, muitissimo mesmo, fisica e espiritualmente, desde a missão, de que fiz parte, até que regressei definitivamente a Portugal, tendo assumido, por vezes, grandes responsabilidades. Poderiam ter-me colocado no peito desde a medalha dos serviços distintos até á Torre e Espada, que nenhuma delas me orgulharia mais do que as palavras desta carta. É que estas são para mim só. Será imodesta esta minha confissão, concordo, mas é sincera.

De entre as recebidas de varios camaradas destaco as que seguem, pois representam vibrações de grandes corações. Perdõem-me os a quem assim firo a modestia. Nesta liberdade e neste atentado vae o meu preito de homenagem. Acompanham as cartas algumas das respectivas respostas. Parecendo à primeira vista que se trata de um excesso de zêlo na publicação dos documentos referentes à carta do Marechal, eu não faço, porém, mais do que executar escrupulosamente o que me propuz, e expuz, no principio deste livro. Todas estas cartas constituem oferendas ao nosso humilde e heroico soldado e nunca serão demais. A ordem por que as apresento não obedeceu a nenhum motivo especial. Todas, para mim, teem egual merito — o da sinceridade e expontaneidade; nenhuma me mereceu especial conceito. Sou soldado e são cartas de soldados. São todas egualmente nobres, egualmente grandes e egualmente despretenciosas como as que empreguei, as unicas de que sei servir-me.

Ajuda, 26—2—1924.

Meu Ex.mo Camarada

Ainda que tardiamente, não posso resistir à tentação, nem acalmar o veemente desejo de lhe exprimír a minha admiração e o meu reconhecimento pela sua feliz ideia e o seu nobilissimo gesto de acendrado patriotismo, coroados do mais completo exito!

Quero referir-me á sua notavel carta, por V. Ex.ª dirigida ao Marechal Hindemburgo sobre a acção das tropas portuguezas na batalha de La Lys, no memoravel dia 9 de abril de 1918 e reproduzida no jornal «O MUNDO» de 9 do corrente.

Li tambem, em tempos, o livro «AUS MEINEM LEBEN» (Ma vie) da autoria do inclito Marechal que, embora adversario de ontem, é credor da nossa admiração, e como o preclaro camarada, vi e me convenci da sinceridade que ele imprimira às suas narrações dos factos, parecendo-me até incrivel a injustiça praticada contra nós portuguezes, mas não o era porque ela já estava impressa na sua hediondez, assimilhando-se a uma téla admiravel maculada por uma feia mancha. A resposta provocada pela vossa exposição clara, absolutamente verdadeira, e a sua elevada argumentação, ditadas pelo coração de um fervoroso patriota, devia-vos ter envaidecido. Sim, sem dúvida...! Pois se são dois factos pelo seu alto significado, dignos de registo, porque tanto nobilita a prática de um acto de justiça, como honra a luta em prol desse acto, tanto mais quando se trata de uma reabilitação, como no presente caso.

Pela rectificação do anátema que para sempre nos manteria amarrados ao pelouro da ignominia, que o rodar dos tempos apontaria à indignação das gerações futuras, não só eu, o mais obscuro dos vossos camaradas, me sinto altamente penhorado, mas sim todo o exercito portuguez a quem V. Ex.ª prestou um serviço imensamente grande e pelo qual V. Ex.ª bem merece os agradecimentos de todos os seus membros e da propria Nação porque, distinguir os filhos, é honrar os paes e, neste caso, honra a mãe de todos.

Quem lhe escreve estas desataviadas linhas é um obscuro mas autentico combatente da Flandres, que tambem tomou parte no 9 de abril.

Rejubilando com o grande facto de ver um simples capitão do

mais pequeno exercito que combateu na grande conflagração mundial, acatado e distinguido pelo mais celebre general do campo adverso e comandante do maior exercito de todos os tempos, não posso calar em mim o meu desvanecimento e a minha maior admiração por tão honroso facto.

Garanto-lhe a sinceridade do meu entusiasmo e da minha admiração e peço-lhe para me contar no numero dos seus mais fervorosos admiradores.

Cam.ª adm. e gto.

(a) Adolfo Martins Condesso

Cap. d'inf.ª n.º 1

Queluz, 2 de março de 1924.

Meu Ex.mo Camarada

Perdoe-me o não haver respondido mais cêdo à sua penhorante carta de 26 de fevereiro ultimo mas só ontem me foi entregue.

Desde que foram publicadas a minha carta e a do Marechal Hindemburgo eu tenho sentido imensas vezes pena de não saber exprimir em estilo apropriado a gratidão e a admiração pelas boas palavras que varios camaradas me teem dirigido, mas nenhumas me teem feito sentir mais essa falta do que as de V. Ex.ª. Como eu desejaria possuir o dom de escrever para lhe agradecer a sua carta! Mas, na falta dessa eloquencia, eu vou buscar ao meu coração uma sinceridade absoluta, como, aliás, procuro sempre empregar em todos os meus actos.

Ao escrever a minha carta ao Marechal Hindemburgo eu receei bastante não obter qualquer resposta. Se tentei esse passo foi por pensar que um soldado, quanto maior, melhor compreende certos actos que constituem parte integrante da profissão das armas. Fui feliz e hoje rejubilo pelo exito obtido. Mas o que estava longe de supor é que encontraria da parte dos meus camaradas um tão penhorante acolhimento.

A guerra fez-me conhecer os homens, os simples soldados, do meu Paiz de que eu, levado um pouco pela torrente da descrença que jà então nos assoberbava, descria; a carta do Marechal Hindemburgo, áparte a justiça que encerra, fez chegar às minhas mãos cartas, que como a de V. Ex.ª, me teem feito compreender que só uma apatia, a que poderemos chamar fatalismo, nos traz neste estado de alma que muitos classificam de estertor da nacionalidade. Corações que vibram às manifestações exteriores, não são corações mortos nem sequer moribundos; são, quando muito, corações adormecidos prontos a despertarem vivificadores.

De norte a sul do Paiz me teem chegado palavras de louvor. Constituem elas o galardão do meu despretencioso acto.

Dois anos andei por França com soldados. Não foram só os artilheiros que eu admirei; no meu coração grande logar ocuparam os belos soldados de infantaria, grandes no seu heroismo sem alardes, enormes no seu sacrificio; soldados de que V. Ex.ª se pode

orgulhar como seu chefe, de que nos podemos orgulhar como seus compatriotas. E os meus homens tambem os admiravam procurando, pela prontidão da sua acção, patentear o seu sentir.

Quantas vezes eu vi olhos prescrutarem, anciosos, as trevas da noute procurando distinguir os sinaes de S. O. S. Ainda hoje conservo na retina a impressão de muitos desses momentos.

Como esses soldados eram pequenos de estatura fisica, mas gigantescos de envergadura moral!

Foram estes soldados, os nossos inesqueciveis soldados, que me levaram a escrever a minha carta. São eles, portanto, e nunca me cansarei de o proclamar, que merecem os louros da vitoria obtida.

De todo o coração agradece o

Camarada mto obrig.

(a) Nuno Antunes

Cap.

Ex.mo Camarada

Não tenho a suprema honra de o conhecer, mas permita-me que o felicite calorosamente e do coração, pelo seu nobre e patriotico gesto que fez levantar e lavou do C. E. P. o infamante labéu de cobarde que o famoso marechal Hindemburgo parecia atribuir-lhe numa passagem do seu livro «Aus Meinem Leben», devido a falsas informações colhidas acerca da acção, do valor e valentia das nossas tropas na memoravel batalha de La Lys.

Renovando as felicitações, creia-me com a mais elevada estima e consideração de V. Ex.ª

Camarada att. e mt. obrig.

(a) José dos Santos e Cunha

Penafiel
12/2/924

Do JORNAL DE PENAFIEL, de quinta-feira, 14 de Fevereiro de 1924:

ECOS DA GRANDE GUERRA

O brilhante jornal O MUNDO publicava no seu numero do dia 9 do corrente dois documentos do mais significativo e alto valor.

Lamento que a falta de espaço e as diminutas dimensões do JORNAL DE PENAFIEL me não permitam a publicação, na integra, dos dois referidos documentos que já agora pertencem para sempre à Historia da nossa Intervenção Militar na Guerra.

Trata-se de duas cartas. Uma do capitão de artilharia Nuno Antunes. Outra de Von Hindemburgo, o famoso marechal do exercito alemão.

Na primeira carta, o capitão Nuno Antunes, dirigindo-se ao marechal, demonstra-lhe de uma maneira clara, firme e patriotica, ser menos verdadeira aquela passagem das suas «Memorias» a respeito da batalha de 9 de abril, que diz assim: «As tropas portuguezas, na sua maior parte, retiraram-se do campo da batalha em uma fuga desordenada, renunciando definitivamente ao combate a favor dos seus aliados». Hindemburgo, soldado acima de tudo, amando apaixonadamente a sua honra militar, respondendo, como respondeu, ao sr. capitão Nuno Antunes, mostrou que a palavra Exercito era para ele sagrada, que a palavra Honra lhe merecia o maior culto! O marechal alemão, na sua resposta, faz-nos justiça devida e lealmente diz: enganei-me! E, nobremente, afirma: eu vou rectificar!

Cheio de orgulho, com a alma repleta da mais intima satisfação, vou transcrever esse nobilissimo documento que nos reabilita e nos honra:

Segue a carta do Marechal Hindemburgo:

Como soldado, que na guerra andei e por lá vivi a lidar com a morte por todos os cantos, eu não posso deixar de saudar como-

vidamente o capitão Nuno Antunes, que tão desassombradamente se soube dirigir ao Marechal Hindemburgo, obrigando-o a uma resposta em que nos faz a justiça devida.

De egual modo, eu não posso deixar de reconhecer que Hindemburgo procedeu d'uma maneira digna e alevantada.

Efusivamente saúdo o capitão Antunes, alma de soldado brioso, coração de portuguez e patriota.

O seu gesto é nobre. Revela audacia e demonstra muito amor à sua farda, à farda de todos aqueles que da França só trouxeram uma lama: a lama das trincheiras.

ERNESTO D'ALMEIDA
ten. d'inf.

Queluz 20 de fevereiro de 1924.

Ex.mo Snr. Tenente Ernesto d'Almeida

Caro Camarada

Pessoa muito amavel, a quem só por esta forma posso agradecer, por ignorar quem tenha sido, fez-me chegar às mãos o n.º 16 do JORNAL DE PENAFIEL no qual V. Ex.ª publica um artigo em que me faz umas tão penhorantes, como imerecidas, referencias. Agradeço as boas palavras de V. Ex.ª, que sinto serem bem de quem aprendeu a amar o nosso soldado e a conhecer todo o seu grande valor.

Eu vi um dia uma ilustração franceza em que uma das paginas representava o seguinte: a uma meza de um café dois combatentes «da retaguarda» descreviam e discutiam apaixonadamente, como só eles o sabiam fazer, as fases de uma das grandes ofensivas. Numa outra meza ao lado, ouvindo a conversa, um autentico combatente seguia as peripécias do terrivel combate brincando-lhe nos labios um sorriso que significava — coitados, a discutirem o que nunca viram. Eu é que sei o que lá se passou porque estava lá.

É muito provavel que V. Ex.ª conheça esta pagina.

Mas, perguntará, o que quererá ele dizer com isto?

Quero eu dizer que embora, segundo creio, nunca lhe tenha falado, reconheço-o pela maneira de falar. É que nós aprendemos a observar estes pequenos nadas por um prisma diferente; é que o nosso coração habituou-se a vibrar perante factos que a muitos quási passam desapercebidos, muito principalmente quando se trata de qualquer assunto que diz respeito aos nossos queridos e heroicos companheiros — os soldados da Grande Guerra.

Tudo quanto os possa glorificar nos parece pouco e todos aqueles que, por qualquer acto ou palavras, os honram, se nos afiguram dignos da nossa estima. Foi por esta razão, certamente que,

V. Ex.ª me julgou merecedor de tão boas palavras. Os verdadeiros crédores são os nossos pequenos soldados porque se não fossem os seus actos heroicos, se não fosse o seu generoso sangue derramado, onde iria eu buscar a energia e a força moral suficientes para me dirigir ao Marechal Hindemburgo? Para eles, pois, as saudações de V. Ex.ª e, com elas, as minhas e as de todos nós.

Peço-lhe, caro Camarada, que aceite a expressão da mais elevada consideração e creia-me

mto att. e obrig.

NUNO ANTUNES
cap.

A par destas cartas, de caracter puramente pessoal, duas recebi que, pelos factos que determinaram, julgo dever publicar.

A primeira, da Direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, é que provocou a publicação deste livro em virtude do compromisso tomado na resposta dada; a segunda, do Ex.mo Governador da Provincia de Macau, acompanhando um folheto, deu origem a uma venda de que óra presto contas a todos os que tão amavelmente concorreram.

LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

Direcção
Secretaria/175

Lisboa, 14 de fevereiro de 1924.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Nuno Alvaro Brandão Antunes
M.mo capitão do Grupo de batarias a cavalo
Queluz

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Em conformidade com o deliberado tenho a honra de mandar transcrever parte da acta da reunião desta Direcção que teve logar em 14 do corrente:

> «O Snr. Coronel Eugenio Carlos Mardel Ferreira tambem propoz que fosse lançado na acta um voto de louvor ao snr. capitão de artilharia, Nuno Alvaro Brandão Antunes, combatente da Flandres, que, demonstrando um acendrado patriotismo procurou e conseguiu que o Marechal alemão Von Hindemburgo rectificasse referencias injustas que fizera nas suas «Memorias», ao exer-

cito portuguez. Depois de lidas as cartas do snr. capitão Brandão Antunes e Marechal Von Hindemburgo, publicadas em o jornal «O MUNDO», numero sete mil e vinte e seis, de sabado, nove do corrente, foi o voto de louvor aprovado por aclamação.»

Pedindo aceite as sinceras felicitações dos membros desta Direcção e de todos os combatentes da Grande Guerra, com a mais elevada consideração me subscrevo,

O Presidente da Direcção

a) Eugenio Carlos Mardel Ferreira

Coronel

Está conforme

J. J. Faria Afonso

1.º Secretario

Queluz, 20 de fevereiro de 1924

Ill.mo e Ex.mo Snr. Presidente da Direcção da L. C. G. G.

Lisboa

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Acuso a recepção do oficio de V. Ex.a n.º 175 de 14 do corrente.

Penhoradissimo agradeço à Ex.ma Direcção da L. C. G. G. a honra que me foi conferida e, em especial a V. Ex.a, a iniciativa da proposta aprovada.

Bastante desejaria merecer, de uma maneira absoluta, o louvor de que V. Ex.a se digna dar-me conhecimento mas receio bem que o meu acto não seja digno de tão grande honra. Não pretendo com estas palavras, por uma falsa modestia, diminuir o valor que tem para todos nós, portuguezes, e muito principalmente para nós, soldados combatentes, a carta do Marechal Hindemburgo.

Das felicitações que V. Ex.a me dirige em nome da Ex.ma Direcção da L. C. G. G. e dos combatentes da G. G., constituo-me fiel depositario e guardal'as-ei no meu coração até ao dia em que possa oferecel'as áqueles que a elas teem direito — aos soldados da Grande Guerra, áqueles que pelos seus feitos escreveram as paginas de gloria de que óra me servi para me dirigir ao Marechal Hindemburgo.

É de sangue dos nossos belos soldados a tinta com que escrevi a minha carta; de sacrificios, as palavras com que a formei; de heroismos e abnegações, os periodos com que a constitui; foi, enfim, na bravura deles que encontrei a força moral para a escrever. São eles, portanto, os autores da carta. Eu apenas a escrevi com a minha alma de portuguez e de soldado.

Procurarei honrar, como sempre tenho procurado em todos os meus actos, a confiança com que me distinguis ao confiar-me tão sagrado deposito.

Aceitae, Snr. Presidente, a expressão da minha subida consideração.

NUNO ANTUNES
cap.

Foi o compromisso representado por esta ultima carta que me levou a publicar este despretencioso livro. Na verdade, só o cumprimento de uma palavra comprometida me poderia encorajar a uma ousadia desta natureza. Se, ao responder à penhorante carta da Ex.ma Direcção da L. C. G. G., eu tivesse reflectido mais e não me limitasse a comunicar as impressões do meu coração, não teria tomado um compromisso de tanta magnitude; mas, tomado ele, eu não tinha outro caminho a seguir senão o de procurar, o melhor possivel, honrar a palavra dada. Eis, pois, a principal determinante desta empreza.

R. P.

GOVERNO DA PROVINCIA DE MACAU

REPARTIÇÃO CENTRAL

Serie 1924

N.º 622

Macau, 7 de abril de 1924.

Ex.mo Snr. Capitão Nuno Alvaro Brandão Antunes

Encarrega-me S. Ex.ª o Governador de remeter a V. Ex.ª por esta mesma mala 50 exemplares de um folheto que mandou imprimir para ser distribuido aos soldados da guarnição desta Colonia no dia 9 de abril, em que se comemora aqui a data que representa o maior esforço e sacrificio do Exercito Portuguez na Grande Guerra.

A razão desta remessa está em que a nobre e patriotica carta de V. Ex.ª e a resposta do marechal Von Hindemburgo constituem o seu contexto.

V. Ex.ª dignar-se-á dar aos exemplares o destino que entenda, podendo ser vendel'os em beneficio dos mutilados desse heroico dia, entre os oficiaes e praças do seu Grupo.

Permita-me V. Ex.ª ainda que, como camarada que tenho a honra de ser, por ser oficial da Armada, felicite V. Ex.ª pela inteligente e patriotica iniciativa que tanto honra V. Ex.ª e o nosso Paiz, que ainda tem quem assim o saiba servir com tão elevada dignidade.

Saude e fraternidade

O Chefe da repartição central

a) S. DA COSTA

Conforme a sugestão do Ex.mo Governador de Macau, fiz a venda de quasi todos os exemplares do folheto que me foram enviados.

Aproveito a ocasião para agradecer a todos aqueles que, tão nobremente, concorreram para a efectivação desse alvitre.

A quantia apurada foi entregue à Ex.ma Direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra conforme as cartas a seguir transcritas.

Queluz, 14 de novembro de 1924.

Il.mo Snr. Presidente da Direcção da Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Lisboa

Nesta data entrego ao Conselho Administrativo do Grupo de Baterias de Artilharia a Cavalo a quantia de 153$50 (cento e cincoenta e trez escudos e cincoenta centavos), afim de, por intermedio da Agencia Militar, ser entregue à Direcção de que V. Ex.ª é mui digno Presidente.

Esta importancia é o primeiro produto da venda de exemplares da carta por mim dirigida ao Marechal Hindemburgo, e da resposta deste Snr., conforme a sugestão feita no oficio n.º 622 da Serie 1924 da Repartição Central do Governo da Provincia de Macau, de 7 de abril do corrente ano, que junto por copia.

Como V. Ex.ª verá por esse documento, é lembrado que o produto da venda seja destinado aos mutilados do dia 9 de abril de 1918. Não sei se será facil discernir rapidamente quaes eles sejam; se o não fôr, lembro eu que essa importancia se destine aos mais necessitados de todos os mutilados em geral porque todos aqueles que, em qualquer epoca, se inutilisaram no cumprimento do mais sagrado dos deveres, nos merecem egual carinho e disvelo. Dar este emprego à quantia apurada, não é adotar integralmente a opinião manifestada no referido oficio, mas eu estou certo de que S. Ex.ª o Governador de Macau aprovará este procedimento.

Já ha muito tempo devia ter desempenhado esta missão, mas, razões de varia ordem me teem impedido de ser tão expedito quanto desejaria.

Conservo ainda em meu poder doze exemplares para vender e, logo que os tenha colocado, enviarei a V. Ex.ª a respectiva importancia.

Rogo a V. Ex.ª se digne acusar a recepção da importancia acima indicada.

Saude e fraternidade

Nuno Antunes
Cap.

LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

N.º 860 Direcção/Secretaria

Lisboa, 21 de Novembro de 1924

Ill.mo e Ex.mo Snr. Nuno Alvaro Brandão Antunes
Dig.º Capitão do Grupo de Baterias de Artilharia
a Cavalo

Queluz

Ill.mo e Ex.mo Snr.:

Acuso a recepção da carta de V. Ex.ª de 14 do corrente, do conteudo da qual tomamos boa nota, cumprindo-me o dever de, em nome desta Direcção, apresentar a V. Ex.ª os nossos maiores agradecimentos pela oferta de 153$50, produto da venda de exemplares da carta por V. Ex.ª enviada ao Marechal Hindemburgo, e que se destina a auxiliar «Mutilados da Grande Guerra» indo nós fazer todos os possiveis para que os desejos de V. Ex.ª e do Ex.mo Snr. Governador de Macau, sejam cumpridos tanto quanto possivel.

Com a mais elevada consideração, subscrevo-me

D V. Ex.ª

O Presidente da Direcção

a) Eugenio Carlos Mardel Ferreira

* * *

Creio, pois, ter-me desempenhado, o melhor possivel da missão que me impuz ao coligir estes apontamentos.

Não teem pruridos de literatura estas palavras, antes procurei, o mais sinceramente possivel, ser claro e verdadeiro na minha exposição colocando-a ao alcance de todos pois que para todos a escrevi.

Um defeito, se defeito se pode chamar a esse facto, me pode ser apontado no decorrer destas linhas. É o da ternura com que falo dos meus soldados. Essa falta é natural em todos aqueles que falam dos *seus soldados*. Com efeito, se analisarmos os varios e inumeros livros que, a proposito da guerra, se teem escrito, poderemos dividil'os em três classes, absolutamente distintas, com os seus caracteristicos proprios, a saber:

1.º — Livros escritos por quem lidou com soldados, com eles desafiou a morte e com eles partilhou as agruras da guerra. São livros em que uma grande dedicação se afirma para com aqueles que foram os companheiros dos momentos críticos; são livros todos coração e saudade; são livros, enfim, de familia.

2.º — Os escritos por quem ouviu a guerra ao longe. São frios,

ponderados, scientificos, procurando ensinamentos e, principalmente, de observação .....a distancia. São livros para bibliotecas profissionaes.

3.º — Os colligidos por quem teve noticias da guerra pelos jornaes e revistas. São os mais tétricos. São produtos de cérebros fáceis de levar ao rubro. São livros em que se morre de um «estilhaço de very-light», em que os braços andam aos milhares pelo ar chegando a serem tantos e em tão grande confusão que, se possivel fosse ligarem-se aos corpos de que sairam, ver-se-iam muito atrapalhados para arranjarem colocações para todos, a não ser que os combatentes passassem a ser trimanos, quadrumanos ou, mesmo, plurimanos. E cabeças? E pernas? Estas, então, se se juntassem todas as excedentes, acabariam com os estropiados por falta de algum ou de ambos os membros inferiores. Esses são os do poeta. Quando são apenas poetas, os seus autores, ainda o superavit não é muito grande, mas quando, além d'isso, ainda são futuristas, .;.... então é um pavor. Esses, são livros para meninas que sofrem de melancolia, romanticismo, neurastenia ou qualquer outra doença mais em moda. São livros que dão um aspecto tão extraordinario à guerra que aqueles que a fizeram a desconhecem.

Este conjunto de paginas, a que pomposamente chamo livro, sofre dos males apontados no numero primeiro. Eu procurei fugir a essa influencia mas não me foi possivel. Que esta expontanea confissão seja penitencia suficiente para este tão grato pecado.

*

* *

A «démarche» realisada não me bastava ao meu coração. Tínha ilibado a honra dos que combateram no dia 9 de abril de 1918; impunha-se o fazer publica, além fronteiras, a rectificação conseguida. Pela Imprensa não era possivel pois importaria despezas muito grandes. Para o conseguir, dirigi-me a dois ilustres oficiaes, os Ex.^{mos} Snrs. Tenente-Coronel D. Carlos de Rivera e Major Charles Millet, dignos adidos militares em Portugal respectivamente de Hespanha e França.

Não foram as minhas esperanças baldadas, pois encontrei em ambos estes grandes amigos de Portugal, a melhor das boas vontades de me coadjuvarem.

As cartas que adeante transcrevo dirão, mais eloquentemente que eu, até onde chegou a sua extrema gentileza.

Aqui, em meu nome e no de todos os bons patriotas, agradeço aos mesmos Ex.^{mos} Snrs., as grandes provas de amizade pela nossa Patria assim recebidas.

LEGACION DE ESPAÑA
AGREGADO MILITAR

Lisboa, 3—3—924

Ex.mo Snr. Capitão Nuno Alvaro Brandão

Mi querido amigo y Camarada

Acabo de recibir su muy grata de hoy.

Nada mas justo que lo que V. me pide de hacer publica la Contestacion del Mariscal Hindemburg, à su honrosa cuanto digna carta, en que le pedia justificase sus juicios respecto al nunca desmentido valor de las tropas Portuguesas.

Ya sabe V. querido Camarada la admiracion y simpatias que por Portugal y su siempre valiente ejército Portuguez tengo, por lo tanto es para mi muy agradable, el que se haga publica la carta cuya copia me envia y lo tomo como si fuera cosa mia, asi que desde ahora le adelanto que su pedido será satisfecho, pués en ello solo hago justicia y sigo el camiño que mi cariño à Vds me dicta.

Es por lo tanto para mi una satisfaccion la honrosa mision que me confia y creame siempre grato y atto amigo y camarada

CARLOS R. DE RIVERA
T. coronel

LEGACION DE ESPAÑA
AGREGADO MILITAR

Lisboa

Ex.mo Snr. Capitão Nuno Alvaro Brandão y Antunes

Mi distinguido camarada y amigo

Acabo de recibir su muy grata del 6 y me apresuro à decirle que nada me tiene que agradecer, pues el brio de la oficialidad portuguesa, le defiendo como el de mi Ejercito tan querida me es. Mi intencion es que se publique en nuestra revista «Memorial de Artilleria» la copia de la carta que me envio recibida por V. del Mariscal Hindemburg, tendré el gusto de enviarle cuando salga un ejemplar.

Le reitero de V. muy atto y obligado Camarada

CARLOS R. DE RIVERA
T. coronel

AGREGADO MILITAR DE ESPAÑA

Lisboa, 17—4—924

Ex.^{mo} Snr. Nuno Alvaro Brandão Antunes

Mi querido amigo y camarada

Le adjunto la carta que recibo del Coronel Director de nuestro «Memorial de Artilleria», en la que se me dan las razones de no haberse publicado en el numero de este mes la carta rectificacion del Mariscal Hindemburg. Si dicho Coronel ha tenido disgusto, mas lo hé tenido yo, pero tenga la seguridade de que se publicará en el del mes de mayo. Salude al T. Coronel y demas compañeros y V. disponga como guste de su affmo a. y camarada

CARLOS R. DE RIVERA
T. coronel

Conforme o prometido pelo Ex.mo Snr. Tenente-Coronel De Rivera, O «MEMORIAL DE ARTILLERIA», Año 79 — Serie VII — Tomo I — Entrega 4.ª — Abril 1924, publicou o seguinte artigo :

PUBLICACION INTERESADA

El capitán de Artilleria del Ejército Portuguêş Sr. Nuno Alvaro Brandado Antunes nos interesa la publicación en el MEMORIAL DE ARTILLERIA, de haber recibido dicho señor una carta con fecha 19 de enero de 1924, del mariscal Hindemburg, en la que, contestanto a otra suya, escrita el 23 de noviembro de 1923, rectifica, por considerarlo así de justicia, y después de practicadas más detenidas investigaciones, el juicio y versión reflejado en su libro AUS MEINEM LEBEN, sobre la actuacion del Cuerpo de Ejército portugués en la batalla de Lys, y ofreciendo en ella que en las ediciones nuevas de su libro quedará corregido dicho párrafo en la seguiente forma :

«El asalto de los alemanes encontró a los portugueses en una posición poco favorable, y el progreso del ataque alemán fué más favorecido por este hecho que por culpa de la tropas. Considerándose las circunstancias dificiles, la tropa, tanto el oficial como el soldado, se batió valientemente.»

Con gusto accedemos a hacer pública tal rectificación, no solo por creerlo deber de justicia, sino por el afecto que sentimos por el Ejército portugués, al que tan plena satisfación da un tan renombrado mariscal, al proprio tiempo que feiicitamos a nuestro compañero por su acto en solicitar dicha aclaración, que tanto afectava al valiente Ejército portugués.

LÉGATION DE FRANCE
Á LISBONNE
L'ATTACHÉ MILITAIRE

Lisbonne, le 17 Mars 1924

Mon Cher Camarade

J'ai été très heureux et très ému de recevoir votre lettre si pleine de cœur (et permettez moi de vous le dire, si bien écrite en français).

Je tiens à vous remercier tout de suite de votre confiance, et vous avez raison de faire appel à mon amitié pour cette noble armée portuguaise dont je connais et dont j'apprécie les hautes qualités; je n'avais pas attendu que vous m'écriviez pour lire la missive du Maréchal de Hindemburg et, j'ajoute, pour en envoyer la traduction au Ministère de la Guerre à Paris.

En effect, depuis plusieurs semaines, par mes soins, l'attention de notre État Major a été attirée sur la démarche qui vous honnore et sur l'heureux résultat qu'elle a obtenu. Vous voyez donc que je vous ai devancé, sans que vous le sachiez, dans votre désir.

Tout d'abord laissez-moi vous dire (et les officiers qui ont été en contact intime avec notre Commandement et nos troupes pendant et après la guerre le savent bien, demandez leur avis) que tout le monde en France rend aux glorieux combattants des Flandres, l'hommage qui leur est dû.

Croyez bien, en tout cas je vous l'affirme, que nous ne faisons nullement état des opinions fort partiales et fort injustes du Maréchal de Hindemburg. Nous savons trop le mal fondé de ses assertions.

En tout cas si vous jugez utile de faire une publication dans une de nos Revues Militaires je tâcherai certainement de vous en obtenir le moyen.

Toutefois, l'essentiel, il me semble, est que le Ministre, le chef d'État Major Général et le 2 ème Bureau soient avertis ainsi que je m'en suis fait un devoir.

J'espère que vous verrez là mon Cher Camarade, une preuve du soin constant avec lequel je m'interesse à tout ce qui peut toucher l'Armée Portuguaise, amie et alliée, et je vous prie de croire à tous mes sentiments les meilleurs.

C. Millet

Soldados da Grande Guerra!
Soldados de Portugal!

Não esqueçaes aqueles que tanto vos estimaram como estes tambem vos não esquecem.

Honrastes a Patria escrevendo em letras de ouro, pelos vossos sacrificios, pela vossa dedicação e lealdade, uma bela pagina da sua historia!

Não esqueçaes a lição recebida sobre os campos de batalha! O respeito e a disciplina são as bases mais firmes de uma dedicação sem limites.

Todas as aspirações legitimas cabem dentro destes principios; nenhuma é possivel sem eles.

Áqueles que vos apontarem o exercito como uma escola do crime, respondei-lhe que é, antes, um altar de virtudes e de honra; aos que vol'o mostrarem como uma profissão de escravatura, dizei-lhe que é a em que mais intensamente se pratica a verdadeira liberdade, aquela em que todos cumprem apenas o a que são legalmente obrigados; a verdadeira egualdade, em que a lei é proporcionalmente egual para todos segundo a sua inteligencia, a sua instrução, os seus conhecimentos e a sua pratica, aumentando as responsabilidades na razão directa destas circunstancias, e a verdadeira fraternidade, em que a dedicação entre os seus membros chega ao sacrificio da propria vida; aos que vos disserem que ele é inutil, respondei-lhe que constitue os alicerces da Nacionalidade.

Houve quem puzesse em duvida a vossa bravura. O sacrificio realisado no dia 9 de abril de 1918, foi tão grande que muitos se iludiram e confundiram com uma vergonhosa fuga que nos enlameava.

Hoje, porém, perante a homenagem tão sinceramente prestada pelo inimigo desse dia, nenhuma hesitação pode subsistir ao emitir uma opinião sobre a vossa conduta. Fostes os dignos filhos dos velhos guerreiros de Portugal. Que em vossos corações vibre sempre o sentimento da Patria como vibrou nesse famoso dia.

Gloria aos Mortos!

E vós, os vivos, gravae no vosso coração as vibrantes palavras do imortal Camões

HONRAE A PATRIA QUE A PATRIA VOS CONTEMPLA.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

001

1416559
PORTUGAL NA GRANDE GUERRA